

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

Celso Francês Júnior

**ATTITUDE LINGUÍSTICA E REVITALIZAÇÃO
DA LÍNGUA MUNDURUKÚ:
Observações preliminares**

**BELÉM
2014**

Celso Francês Júnior

**ATTITUDE LINGUÍSTICA E A REVITALIZAÇÃO
DA LÍNGUA MUNDURUKÚ:
Observações preliminares**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Gessiane Picanço
(UFPA)

Co-Orientação Prof. Dr. David Margolin
(University of New Mexico)

**BELÉM
2014**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Francês Júnior, Celso, 1979-
Atitude linguística e a revitalização da
língua mundurukú : observações preliminares /
Celso Francês Júnior. - 2014.

Orientadora: Gessiane Picanço;
Coorientadora: David Margolin.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal
do Pará, Instituto de Letras e Comunicação,
Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém,
2014.

1. Língua mundurukú. 2. Linguística aplicada.
3. Linguagem e línguas - Estudo e ensino. I.
Título.

CDD 22. ed. 498.0981

Celso Francês Júnior

**ATITUDE LINGUÍSTICA E REVITALIZAÇÃO
DA LÍNGUA MUNDURUKÚ:
Observações preliminares**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: _____

Orientadora: Prof^a Dr^a Gessiane Picanço (UFPA)

Banca Examinadora:

Prof. Dr. AbdelhakRazky (UFPA)

Prof. Dr. Hein van der Voort (Museu Paraense Emilio Goeldi)

Coordenador do PPGL:

Prof^a. Dra. Germana Maria Araújo Sales

**BELÉM
2014**

Dedico este trabalho a todos os pesquisadores que conhecem a importância da preservação de nossa cultura linguística no Brasil; aos informantes mundurukú desta pesquisa, que entendem que o resgate de sua identidade depende da revitalização de sua língua; a todos que contribuíram para esta pesquisa; por fim, a Deus, responsável por tudo.

Meus agradecimentos...

À professora companheira, amiga e orientadora Dr^aGessiane Picanço pelos momentos dispensados para compartilhar saberes num fazer científico, os quais exigiram doses necessárias de paciência e compreensão.

Ao amigo e co-orientador Professor Dr. David Margolin, um ilustre convidado que não mediu esforços para contribuir em nossa pesquisa com sua experiência e informações.

Aos professores do curso, pelo empenho e dedicação em nossa formação, vislumbrando conhecimento pra a construção de uma estrutura sólida de teorias científicas.

Aos amigos Adalberto, Giovane e Daniele, cuja companhia na sala, nas brincadeiras e nos almoços acabou se tornando apoios importantes no percurso desafiador de nossos estudos.

À minha esposa Joelma Francês, pelo apoio e incentivo constante e incondicional, o qual assumiu definitivamente a famílias suprimindo minha ausência muitas vezes.

Aos meus filhos Eduardo, Celso e Maria Cecília, pelo apoio indiretamente e compreensão de minhas ausências por conta de viagens infundáveis.

Aos funcionários da PPG em Letras/ UFPA, em especial a um grande colega Eduardo, secretário do programa, que facilitou a minha estada nesta formação, empenhando-se em nos ajudar plenamente em todos os momentos.

RESUMO

Os Mundurukú do Kwatá-Laranjal estão incluídos na lista de comunidades indígenas que apresentam a língua num processo de perigo iminente. A língua, que recebe o mesmo nome da etnia mundurukú, é pertencente à família mundurukú, do tronco tupi, a qual, antigamente, era falada por povos mundurukú que habitavam os estados do Mato Grosso, Pará e Amazonas, entretanto, a concentração maior de indivíduos é nos dois últimos estados. O foco deste estudo está na comunidade indígena mundurukú do Kwatá-Laranjal, no Estado do Amazonas, pois indivíduos desta comunidade já não falam mais a língua nativa e por esse motivo manifestam o interesse revitalizar e fortalecer sua identidade e cultura. Assim, o Projeto desenvolvido pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), denominado Licenciatura Específica para Formação de Professores Indígenas/Turma Mundurukú (AM/PA), além do objetivo de formação em nível superior, pretende também ser instrumento da revitalização da língua mundurukú em aulas com disciplinas específicas da língua. É nesse contexto, da licenciatura específica para formação de professores indígenas, que nossa pesquisa está inserida; objetivando verificar as atitudes linguísticas em relação à língua original da comunidade indígena mundurukú do Amazonas dentro do processo de revitalização. Dessa forma, a metodologia adotada é de cunho quantitativo e o corpus da pesquisa foi coletado a partir da realização de entrevistas sistematizada por questionário. Tal instrumento de pesquisa visa comparar os comportamentos dos alunos diante das línguas, portuguesa e mundurukú, com relação a: i) atitude cognitiva (conhecimento da língua); ii) atitude afetiva (preferência por uma ou outra língua); iii) atitude comportamental (uso linguístico habitual e transmissão da língua). Atitude é, segundo Fernández (1998, p. 181), “a manifestação de preferências e convenções sociais acerca do status e prestígio de seus usuários”. Esta manifestação de preferência por uma língua ou variante linguística de comunidades minoritárias é condicionada pelos grupos sociais de maior prestígio (geralmente comunidades majoritárias). Aqueles que detêm maior poder socioeconômico ditam a pauta das atitudes linguísticas das comunidades de fala minoritárias (AGUILERA, 2008). O interesse desta pesquisa centra-se na atitude que o povo mundurukú do Amazonas assume no uso da língua que aprenderam e na língua a que virão aprender como forma de resgate de sua identidade. Neste sentido, procurou-se entender como a atitude, positiva ou negativa; aceitação ou rejeição, e nos componentes cognitivos, afetivos e comportamentais pode determinar o futuro de um processo de revitalização. Contudo, observa-se a contradição destes elementos na análise das entrevistas, onde os informantes manifestam interesses diferentes de suas ações em relação à língua que querem resgatar.

Palavra chave: Revitalização, atitude linguística, língua mundurukú.

ABSTRACT

The Munduruku of Kwatá-Laranjal are among the indigenous communities of Brazil whose heritage language is severely endangered. The Munduruku language belongs to the Mundurukufamily of the Tupi stock, and formerly was spoken in the Brazilian states of MatoGrosso, Pará, and Amazonas; it is still spoken in Pará. The focus of this study is the indigenous community of Kwatá-Laranjal, in the state of Amazonas, since members of this group no longer speak the language and for this reason are interested in revitalizing and reinforcing their culture and identity. The project Special Licensure for the Training of Indigenous Teachers/Munduruku Students (LicenciaturaEspecíficaparaFormação de ProfessoresIndígenas/Turma Mundurukú) of the Federal University of Amazonas (UFAM), besides pursuing the objective of teacher training at the post-secondary level, also has the goal of assisting in the revitalization of the Munduruku language through special classes. The research for the present study took place in this context, specifically investigating students' attitudes toward the community heritage language, through the use of questionnaire-based structured interviews. This quantitative approach included investigating relative knowledge of Munduruku and Portuguese; language preferences; and actual language use. It was observed that there is a contradiction between the elements analyzed in the research and the desire of the participants to revitalize their heritage language.

Key Words: revitalization, language attitudes, Munduruku language

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa da localização da terra indígena Kwatá-Laranjal em relação ao território brasileiro	19
Figura 2	Mapa da localização da terra indígena Kwatá-Laranjal com relação ao território da Amazônia legal	20
Figura 3	Esquema dos componentes da atitude linguística proposto por Wallace Lambert	31
Figura 4	Esquema do componente da atitude proposto por Rokeach	31
Figura 5	Modelo de atitude de Morales (<i>apud</i> FERNÁNDEZ, 1998)	32
Figura 6	Modelo de valoração de estilo de fala seguido por Street e Cooper (<i>apud</i> FERNÁNDEZ, 1998)	34

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Tronco e família linguística da língua mundurukú	22
Quadro 2	Classificação da atitude adotada neste trabalho	36
Quadro 3	Demonstrativo dos informantes da pesquisa	39
Quadro 4	Quantitativo geral dos informantes (sexo, profissão e origem)	40

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Que língua os avós dos colaboradores aprenderam quando criança?	47
Gráfico 2	Qual a primeira língua que os pais dos colaboradores aprenderam quando criança?	50
Gráfico 3	Qual a primeira língua que você aprendeu quando criança?	51
Gráfico 4	Você escutava seus avós falarem com seus pais na língua Mundurukú?	54
Gráfico 5	Que língua você usa mais frequentemente em casa para falar com as crianças?	56
Gráfico 6	Que língua você usava mais frequentemente em casa para falar com adultos?	58
Gráfico 7	Que língua você prefere para ler?	61
Gráfico 8	Que língua você prefere para escrever?	63
Gráfico 9	Em que língua você gostaria que seus filhos fossem alfabetizados?	64
Gráfico 10	Se teve algum tipo de experiência de aprendizagem língua mundurukú?	67
Gráfico 11	Que língua deve ser ensinada na escola?	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FACED	Faculdade de Educação	15
UFAM	Universidade Federal do Amazonas	15
DOBES	Documentação de Línguas Ameaçadas da Alemanha	15
ELDP	Programa de Documentação de Línguas Ameaçadas, da Inglaterra	15
ISA	Instituto Socioambiental	19
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde	22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Os Mundurukú	18
1.2 A Língua Mundurukú	21
1.3 A comunidade do Kwatá-Laranjal	22
2 ABORDAGEM TEÓRICA	24
2.1 Atitude linguística	25
2.2 Classificação dos componentes da atitude	29
2.2.1 Modelo de López Morales.....	30
2.2.2 Modelo de Moreno Fernández.....	33
2.2.3 A perspectiva adotada.....	35
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
3.1 Os informantes	39
3.2 As entrevistas	41
3.3 O questionário	43
4 ANÁLISE DOS DADOS	46
4.1 Pergunta relacionada à língua que os colaboradores, seus pais e avós aprenderam quando criança.....	47
4.2 Pergunta relacionada ao fato de os colaboradores escutarem seus avós falarem com seus pais na língua mundurukú.....	53
4.3 Pergunta relacionada à língua que frequentemente usam para falar em casa com as crianças e os adultos.....	55
4.4 Perguntas relacionadas à língua que preferem para ler, escrever e alfabetizar seus filhos.....	60
4.5 Pergunta relacionada se já teve algum tipo de experiência de aprendizagem em língua mundurukú.....	67
4.6 Pergunta relacionada à que língua deve ser ensinada na escola.....	69
5 CONCLUSÃO	72

REFERÊNCIAS	75
ANEXOS	79
ANEXO I.....	79
ANEXO II.....	82

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo as comunidades indígenas do Brasil sofreram com o processo de colonização, gerado pelos portugueses que aqui estiveram. Tudo isso ocasionou a extinção de várias culturas indígenas que existiam nas terras brasileiras. A questão do desaparecimento das línguas vem chamando a atenção de especialistas há muito tempo e a situação das línguas existentes no Brasil é ainda mais preocupante no tocante à necessidade de manutenção e revitalização. Nos cálculos de Moore (2006), cerca de 75% das línguas indígenas existentes no Brasil se perderem em 500 anos. “Apesar de a imigração europeia ter sido relativamente limitada nos dois primeiros séculos do período colonial, as línguas nativas foram afetadas por esse processo” (MOORE *et al*, 2006, p 37).

A situação das línguas no Brasil, onde muitas estão ameaçadas e em situação precária, é representativa do panorama mundial. Um movimento internacional em torno de línguas em perigo de extinção se intensificou com a publicação de um artigo pelo lingüista americano Michael Krauss. Ele estima que 90% das línguas do mundo estariam em perigo de extinção no século 21 se não fossem tomadas medidas preventivas. O desaparecimento dessas línguas seria uma grande perda para as comunidades nativas, visto que são os meios de transmissão da cultura e pensamento tradicionais e parte importante da identidade étnica (MOORE *et al*, 2006, p 40).

Em sociedades minoritárias, onde há a presença de mais de uma língua, o povo tende a privilegiar uma apenas; isso provavelmente deriva de algum tipo de pressão externa por conta das interações sociais dos povos. Provavelmente são vários os fatores que exercem pressão sobre comunidades minoritárias indígenas no Brasil, que apresentam mais de uma língua em uso e que, ao longo do tempo, acaba privilegiando a língua ensinada na escola, nesse caso o português.

A entrada nas comunidades indígenas da educação formal sem um planejamento curricular para um ensino voltado à cultura indígena pode ter contribuído para que muitas comunidades tenham escolhido a língua que a escola ensina como instrumento de comunicação e feito, também, com que elas deixassem de usar e transmitir a cultura linguística às crianças. Assim como a escola pode ser um dos fatores de desuso de línguas indígenas, há também a presença do homem branco na figura de padres e missionários que adentraram as comunidades indígenas tradicionais com o intuito de catequizar os índios.

Essas intervenções, de certo modo, opressivas, que obrigava os índios a aprenderem a língua portuguesa, desencadeou uma atitude negativa quanto à língua nativa das populações indígenas, contribuindo cada vez mais, desta forma, para que menos indivíduos indígenas falassem sua língua materna. Ou seja, as línguas indígenas no Brasil entraram num processo de desaparecimento porque seus falantes deixaram de falar a língua nativa.

Um exemplo desse quadro é a língua Mundurukú, antigamente falada na Terra Indígena Kwatá-Laranjal, no Estado do Amazonas. Percebe-se que o processo de desaparecimento dessa língua encontra-se em um estágio alarmante, possuindo um número bastante reduzido de falantes, o qual, segundo Borella e Santos (2011), é de apenas cinco indivíduos. O uso diário da língua portuguesa é exclusivo na comunidade toda, ou seja, a língua deste povo já não faz parte do rol de suas atividades cotidianas nem culturais. Situação que preocupa, pois a morte desses falantes pode representar completa extinção da língua nesta comunidade. Iniciativas de revitalização podem proporcionar o resgate deste patrimônio cultural tão importante para a identidade de um povo.

Uma iniciativa de revitalizar a língua Mundurukú foi implementada, a partir dos próprios indivíduos da comunidade mundurukú do Kwatá-Laranjal, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas - FACED/UFAM, dentro do Programa denominado Licenciatura Específica para Formação de Professores Indígenas/Turma Mundurukú (LICENCIATURA... 2011). A Licenciatura é um curso regular e modular com duração de cinco anos (2011-2015) que objetiva formar professores indígenas para atuarem no ensino fundamental e médio. Essa formação tem caráter intercultural e interdisciplinar e habilita os alunos nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, Ciências Exatas e Biológicas, e Letras e Artes. A língua mundurukú aparece no currículo como uma das disciplinas do Curso de Letras.

Embora saibamos da importância deste programa para a formação dos professores desta comunidade, parece um tanto contraditório um programa que objetiva ser também uma política de revitalização da língua mundurukú usar o português como instrumento de comunicação nas aulas. Qual seria o sucesso de tal política que privilegia ainda a língua do dominante? Todo programa de revitalização deve apresentar condições adequadas para que o processo aconteça de fato. Um planejamento linguístico adequado pode determinar o sucesso de uma política linguística. Os programas Dobes (Documentação de Línguas Ameaçadas, da Alemanha) e ELDP (Programa de

Documentação de Línguas Ameaçadas, da Inglaterra) são exemplos de política linguística que apresentam um planejamento consistente. Tais programas patrocinam projetos de documentação linguística no Brasil e já apoiam a documentação em 19 línguas indígenas brasileiras (MOORE *et al*, 2006, p 41).

Entretanto, esta pesquisa não tem a pretensão de analisar ou avaliar o programa de formação de Professores Indígenas/Turma Mundurukú e nem tão pouco se ele constitui uma política adequada para a revitalização da língua mundurukú na comunidade indígena do Kwatá-Laranjal.

Sobre a iniciativa do programa paira o interesse de criar condições para uma possível revitalização da língua mundurukú na comunidade, usando o curso para o ensino da língua original como uma segunda língua, formando-se profissionais de educação aptos a desenvolverem trabalhos de ensino da língua nas escolas das aldeias.

É nesse contexto da licenciatura específica para formação de professores indígenas que nossa pesquisa está inserida, objetivando verificar as atitudes linguísticas em relação à língua original da comunidade indígena mundurukú do Amazonas, dentro do processo de revitalização. Mais especificamente, o questionário utilizado na entrevista com os alunos da licenciatura (cf. tópico 3) visa comparar os comportamentos dos alunos diante das línguas portuguesa e mundurukú, com relação a:

- i) Atitude cognitiva (crenças, opiniões e pensamentos sobre a língua indígena);
- ii) Atitude afetiva (preferência por uma ou outra língua);
- iii) Atitude comportamental (ações quanto ao uso linguístico habitual e a transmissão da língua indígena).

Atitude, segundo Lambert (1967 *apud* AGUILERA, 2008, p. 105)“a manifestação de preferências e convenções sociais acerca do status e prestígio de seus usuários”. Esta manifestação de preferência por uma língua ou variante linguística de comunidades minoritárias é condicionada pelos grupos sociais de maior prestígio (geralmente comunidades majoritárias). Aqueles que detêm maior poder socioeconômico ditam a pauta das atitudes linguísticas das comunidades de fala minoritária (AGUILERA, 2008).

Para Fishman (1995, p. 137 *apud* MERINERO, 2011):

o estudo das atitudes linguísticas são importantes na hora de estudar a manutenção e deslocamento de uma língua. Trata-se de estudar a relação entre o grau de mudança (ou de estabilidade) de uma língua e os processos psicológicos, culturais ou sociais dentro de uma sociedade que usa mais de uma língua (tradução).¹

Nas palavras de Fernández (1998 *apud* MERINERO, 2011):

Uma atitude favorável ou positiva pode fazer com que uma mudança linguística se realize mais rapidamente ou que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz. Por outro lado, uma atitude desfavorável ou negativa pode fazer com que uma língua seja esquecida ou abandonada, impedir a difusão de uma variante ou uma mudança linguística. A atitude é a manifestação de um falante em relação à língua, sua ou não, e o uso desta em sociedade (tradução).²

O povo mundurukú quer e necessita resgatar sua língua nativa, mas sua atitude em relação a ela ainda apresenta contradições que inviabilizam tal ação, conforme será discutido mais adiante (cf. tópico 4). Resgatar a língua é recompôr parte de sua identidade, o qual é um traço definidor de cultura (AGUILERA, 2008), e o povo da comunidade mundurukú do Kwatá-Laranjal justifica o anseio deste resgate por considerar que sua identidade como povo indígena mundurukú só será completa com a presença da língua. Segundo Aguilera (2008, p. 106):

Um traço definidor da identidade do grupo (etnia, povo) é a variedade linguística assumida e, desse modo, qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode, na realidade, ser uma reação às variedades usadas por esse grupo ou aos indivíduos usuários dessa variedade, uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo.

A falta deste elemento identificador na cultura mundurukú acaba criando estereótipos preconceituosos e que afetam as relações fora das comunidades indígenas.

¹Texto original: “El estudio de las actitudes lingüísticas es importante a la hora de estudiar el mantenimiento y desplazamiento de una lengua. Se trata de estudiar la relación entre el grado de cambio (o de estabilidad) de una lengua y los procesos psicológicos, culturales o sociales dentro de una sociedad que usa más de una lengua” (FISHMAN 1995, p.137 *apud* MERINERO, 2011).

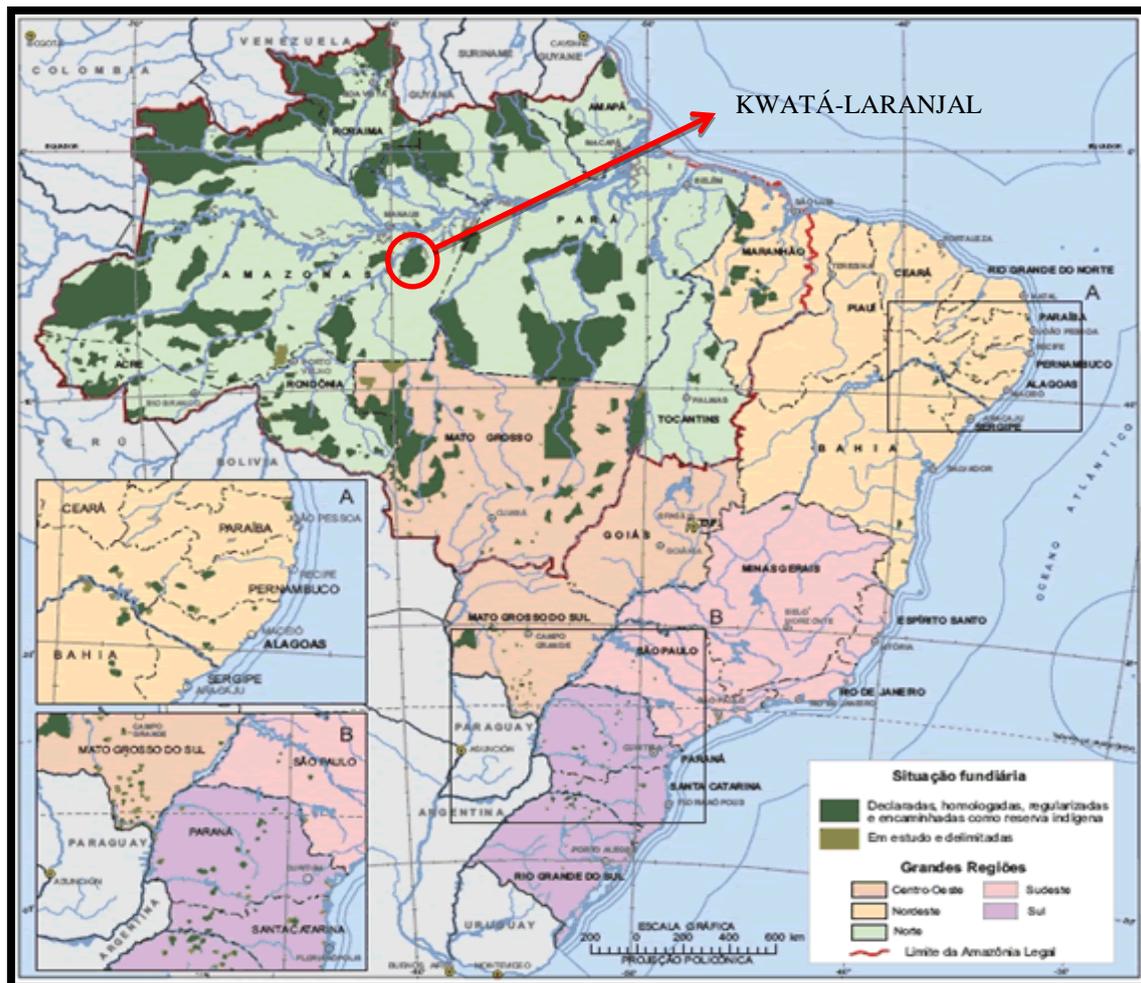
²Texto original: “Una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente o que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz. Por el contrario, una actitud desfavorable o negativa puede hacer que una lengua se olvide o abandone, impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico. La actitud es la manifestación de un hablante hacia la lengua, suya o ajena, y al uso de esta dentro de la sociedad” (FERNÁNDEZ 1998 *apud* MERINERO, 2011).

Nesta pesquisa, criou-se a hipótese que o resgate que se quer fazer da língua é motivado pela ideia que existe dentro da comunidade, onde os indivíduos, que a pertencem, só serão considerados pela sociedade majoritária como “índios” se falarem a língua que dá nome ao seu povo. Calvet (2002, p. 65) diz que a relação da língua e seu falante não é neutra, “existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam”. Por outro lado, a atitude linguística adotada por esta comunidade, que elegeu a língua portuguesa como a variante de prestígio, primeiramente por pressões externas, depois espontaneamente, desencadeou sentimentos de preconceito pelo não uso do mundurukú (cf. tópico 4).

1.1 Os Mundurukú

A população indígena mundurukú está distribuída em três estados do Brasil: na região do rio Tapajós, no estado do Pará, no Estado do Amazonas, na Terra Indígena Kwatá-Laranjal, no município de Borba-AM, e na Terra Indígena Apiaká, município de Juará-MT (MENDES, 2007, p. 16). Porém, nossos estudos estão centrados na comunidade do estado do Amazonas da Terra Indígena Kwatá-Laranjal, no rio Canumã, de onde se originam os colaboradores que participam de nossa pesquisa. A escolha da comunidade do Kwatá se justifica porque indivíduos desta comunidade manifestam o interesse em revitalizar a língua nativa e por fazerem parte do programa de formação superior realizado pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

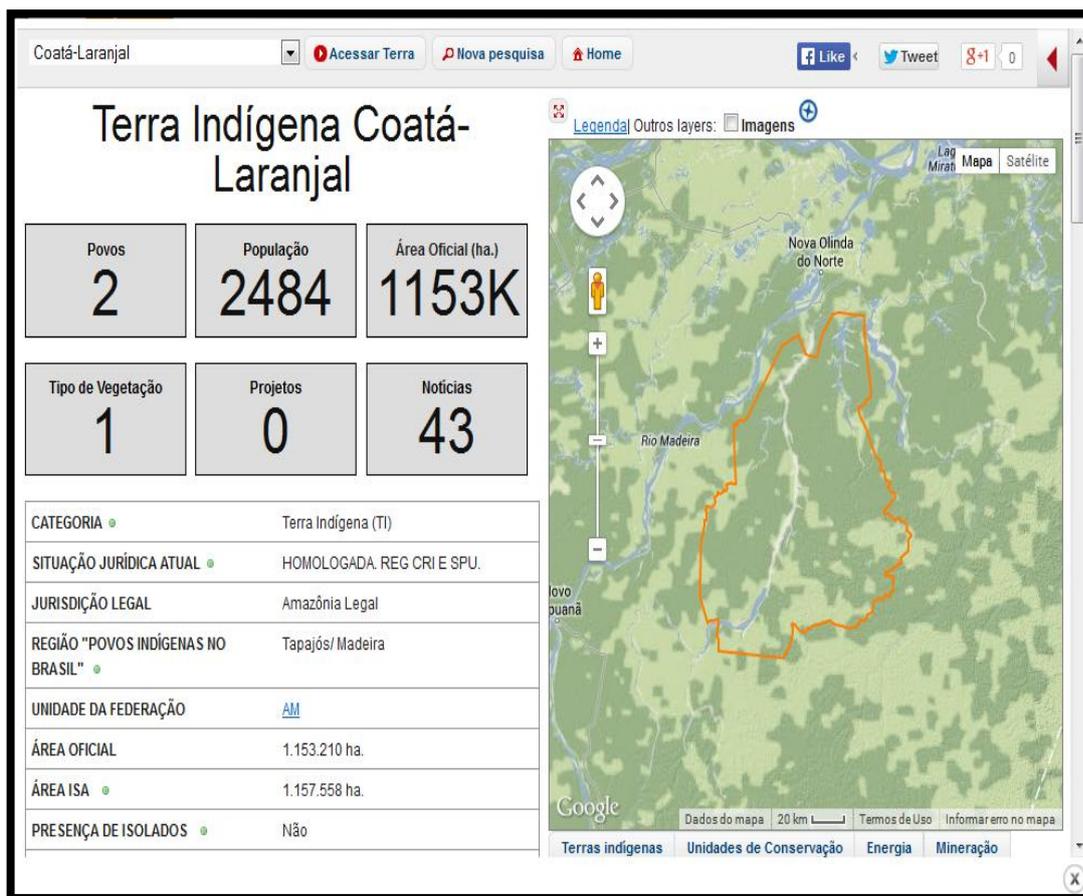
FIGURA 1: Mapa da Localização da terra indígena Kwatá-Laranjal em relação ao território brasileiro.



<http://racismoambiental.net.br/wp-content/uploads/2012/08/cartograma-ibge-ind%C3%ADgenas.gif> (2014). Adaptado pelo autor.

A metragem oficial da área da comunidade indígena Kwatá-Laranjal que habita o vale do Rio Madeira, é de 1.153.210 há (ISA, 2014). O mapa acima nos dá uma melhor compreensão do tamanho e da localização dessa área em relação ao território brasileiro.

FIGURA 2: Mapa da Localização da Terra Indígena Kwatá-Laranjal em relação ao território da Amazônia legal.



FONTE: ISA, 2011.

Acima, o mapa 2 mostra a localização das terras indígenas mundurukú em relação ao relatório que compreende a Amazônia legal, descrevendo sua categoria como TI; situação jurídica atual; jurisdição legal; região; unidade da federação; área oficial etc.

Historicamente o povo mundurukú era considerado como de índole guerreira e tradicionalmente conhecido como “os cortadores de cabeças”, os quais se autodenominavam “Wuyjugu”, segundo Martines (2007, p.16). Registrou-se a presença deste povo a partir da segunda metade do século XVIII, na região do rio Madeira, antiga Capitania do Rio Negro, no estado do Amazonas.

Os mundurukú dominaram culturalmente por muito tempo a região conhecida como Vale do Tapajós (PA) e a região do Madeira (AM), que ficou denominada de “Mundurukânia”. Segundo Leopoldi (1979 *apud* MARTINES, 2007, p. 17) a primeira referência a esse povo foi escrita em 1768 pelo vigário José Monteiro de Noronha, que os denominou de “Matucuru”, quando foram avistados às margens do rio Maués

andando completamente nus. Daniel Munduruku (2000), na obra *Coisas de Índio*, (apud MARTINES, 2007, p.16)

Explica que esta designação teria como significado “formigas gigantes e surgiu em alusão aos guerreiros Munduruku que atacavam em massa os territórios rivais, como tal tipo de formigas. Os homens usavam canudo de folha que disfarçava o sexo. Tinham as cabeças raspadas, possuindo apenas um tufo de cabelos no lado. As mulheres usavam vestimentas feitas com um tecido de palha”. (MARTINES, 2007, p.16).

Com uma grande dose de audácia, o povo Mundurukú realizou grandes excursões do Rio Madeira ao Tocantins com a finalidade de expansão de seu território e a obtenção de seu tradicional troféu – a cabeça de seus inimigos, que era mumificada e a que atribuíam poderes mágicos. Numa descrição curiosa Martines (2007, p. 17) explica:

Depois de um combate, os Mundurukus cortavam as cabeças dos inimigos que depois eram enfiadas numa vara flexível para serem transportadas de regresso à aldeia. Essas cabeças passavam por um processo específico de mumificação e ao final deste procedimento, ficavam reduzidas ao tamanho de uma cidra, porém mantinha perfeitamente as feições do inimigo. A decoração da cabeça era feita costurando os lábios da vítima e deixando longos fios pendurados, que eram coloridos com urucu. Essa cabeça mumificada era chamada de “pariuá-á” e, ostentada no pescoço do guerreiro que a havia conquistado, constituía o mais valioso troféu de guerra dos Mundurukus.

Apesar das grandes conquistas territoriais realizadas pelos mundurukú, sua população, que segundo Antônio Tocantins (1877 apudMARTINES, 2007, p.17) era de aproximadamente 18.910 índios, sofreu declínio a partir do contato com as frentes colonizadoras portuguesas.

1.2 A Língua Mundurukú

O Mundurukú é uma língua que pertence ao tronco Tupi e juntamente com o Kuruáya formam a família linguística Mundurukú (RODRIGUES, 2008). Segundo Crofts (1966, p. 8)

O Munduruku é uma língua tupi, segundo a classificação de Norman A. McQuown, em "The Indigenous Languages of Latin America," American Anthropologist, Vol. 57, nº 3 (junho, 1955), págs. 501-70. Menciona-se a língua Munduruku na página 532. É também classificada como tupi por Aryon D. Rodrigues no artigo "Classification of Tupi-Guarani", IJAL, Vol.

24, Nº 3 (julho, 1958). Numa nota de rodapé na página 234, este autor sugere que a língua Munduruku seja "talvez mais bem uma família tangencial do tupi-guarani que não uma sub-família dentro dele". O Munduruku é falado por cerca de 1200 habitantes do Alto Tapajós e seus afluentes Das Tropas, Cabitutu, Cadiriri, Cururu e São Manoel, no Estado do Pará, Brasil. Poucos Mundurukus falam Português. Ao norte, no sítio principal da tribo moram uns 350 Munduruku no Rio Canumã (Estado do Amazonas) [...].

O quadro abaixo descreve a classificação genética da língua mundurukú:

QUADRO 1: Tronco e família linguística da língua mundurukú.

REGIÃO	TRONCO	FAMÍLIA	LÍNGUAS
Brasil	Tupi	Mundurukú	Kuruáya MUNDURUKÚ

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os falantes da língua mundurukú estão distribuídos por três comunidades indígenas habitantes dos Estados do Mato Grosso, Amazonas e Pará. Segundo Picanço (2012), as duas áreas de maior concentração de indivíduos por vilas é na comunidade Kwatá-Laranjal, localizada no estado do Amazonas, e a outra é os Mundurukú das Terras Indígenas Sai Cinza, em Jacareacanga, no estado vizinho do Pará. Neste trabalho, referir-se-á a tais comunidades como os “mundurukú do Amazonas” e os “mundurukú do Pará”.

1.3 A comunidade do Kwatá-Laranjal

Em relação a questões populacionais, a comunidade mundurukú pertencente ao Rio Canumã, apresenta uma população de 2.484 índios, distribuídos em 58 aldeias às margens do Rio Canumã (FUNASA, 2010).

A situação linguística do grupo residente no Amazonas é preocupante, pois a língua nativa já se encontra num estágio avançado de desaparecimento. Borella e Santos (2011), num levantamento sociolinguístico do povo Mundurukú, afirmam ter apenas cinco falantes da língua mundurukú, dos quais nenhum deles leem ou escrevem a língua. Embora encontremos um número bastante reduzido de indivíduos que falam a língua mundurukú, entendemos que a maioria daqueles que não dominam mais a língua de cultura, manifestam interesse em resgatar o mundurukú. Mesmo não falando mais a

língua, a maior parte da comunidade aparenta ter uma atitude positiva em relação à retomada do uso da língua mundurukú (cf. tópico 4).

Considerando os aspectos relacionados ao processo de extinção linguística no qual a comunidade mundurukú do Estado do Amazonas está inserida, e o desejo eminente de resgate linguístico/cultural, tal pesquisa procura evidenciar, a partir da observação direta, como esta comunidade pretende resgatar sua língua nativa; como o projeto de formação pode contribuir para este resgate; e, que tipo de atitude tal comunidade assume para alcançar este fim.

O resultado deste estudo pode servir como experiência para futuros trabalhos sobre revitalização de línguas indígenas no Brasil e subsidiar eventuais políticas voltadas para línguas ameaçadas. Pode, também, comprovar a importância da atitude linguística para se estudar a revitalização de línguas, já que tal tema é o ponto chave desta pesquisa.

Desta forma, o restante deste trabalho foi organizado em três partes, as quais correspondem à Abordagem Teórica, Metodologia e Análise dos Dados.

Na *Abordagem Teórica*, apresenta-se uma explanação substancial dos conceitos fundamentais de atitude linguística e do tipo de análise adotada no trabalho, ou seja, a pesquisa quantitativa. Em relação aos conceitos sobre atitude linguística, considerando os princípios de classificação dos componentes proposto por Wallace Lambert; Morales e Fernández. Nesta perspectiva, serão considerados para a análise os componentes formadores da atitude linguística, que são três: o cognitivo, o afetivo e a conativo.

Nos *Procedimentos Metodológicos*, apresenta-se uma descrição dos passos dados para a realização desta pesquisa, começando pela visita *in loco* no município de realização do projeto, ou seja, a cidade de Borba-AM e na comunidade indígena do Kwatá-Laranjal. Também, na metodologia desta pesquisa, faz-se uma discussão teórica do questionário e da entrevista que foram instrumentos de coleta de dados e sua importância; e por fim, uma descrição dos informantes.

Na *Análise dos Dados*, procede-se à análise referente às informações coletadas nas entrevistas e no questionário, fazendo um paralelo com os componentes da atitude, assim procurando saber o comportamento dos indivíduos da comunidade com relação à língua mundurukú e à língua portuguesa. Neste capítulo, centro minhas atenções às respostas dos informantes sobre vários aspectos de uso das línguas mundurukú e portuguesa, confrontando os conceitos dos componentes às evidências retiradas das entrevistas, em forma de relatos dos colaboradores.

2 ABORDAGEM TEÓRICA

Entender a possibilidade de uma língua poder ser revitalizada a partir do ensino/aprendizagem daquela que fez parte de sua cultura é um dos objetivos desta pesquisa. Isso será examinado a partir da atitude linguística que os indivíduos manifestam na relação com a língua que usam e com a língua que se perdeu. Desse modo, as escolhas de uso, de apreço ou desprezo, de aceitação ou não, por fim, as crenças dos indivíduos podem determinar as atitudes linguísticas desta comunidade e se estas atitudes são favoráveis à revitalização da língua.

Nos últimos anos surgiram grandes movimentos interessados em revitalizar línguas em perigo de extinção e, no Brasil, este interesse se intensifica pela necessidade de se recuperar e preservar a cultura linguística de nossa terra. Por outro lado, a tarefa de documentação das línguas minoritárias e em perigo de extinção é muito onerosa e difícil no lugar onde não há políticas que viabilizem este trabalho.

No panorama atual brasileiro, há uma enorme necessidade de resgatar a cultura linguística das comunidades indígenas, pois durante aproximadamente quinhentos anos de presença branca nas “terras tupiniquins” as comunidades que aqui já habitavam sofreram considerável perda de sua identidade cultural, e aí está incluída a perda da língua, conseqüentemente. Embora, as atividades de descrição e documentação tenham se intensificado nos últimos anos, ainda há necessidade de formulação de políticas voltadas à preservação e revitalização do patrimônio cultural do Brasil.

Nesse sentido, torna-se imprescindível entender os comportamentos linguísticos de comunidade de fala que estão com a língua em processo de obsolescência, ou que se tornaram bilíngues, ou ainda, que perderam sua língua nativa. Assim, entender a atitude linguística que essas comunidades manifestam com relação ao uso de sua língua é descobrir qual é o meio mais adequado para um processo de revitalização das línguas em perigo iminente ou que já morreram.

Durante muito tempo sociolinguistas brasileiros têm dado pouca atenção a um fenômeno linguístico de raiz social bastante interessante para o entendimento da relação que se faz entre língua e sociedade, para comunidades indígenas, que é a atitude linguística. Sua gênese é da Psicologia da Linguagem que se interessou no estudo das manifestações de juízo de valor que um falante emite sobre sua língua e a língua dos outros. O Brasil apresenta-se como campo vasto e bastante propício para o estudo da atitude linguística, pois aqui, embora com redução significativa, ainda tem-se

variedades linguísticas que necessitam ser entendidas com relação ao uso que se faz delas em comunidades. Casos de perda, resgate e até bilinguismo são melhores entendidos quando o pesquisador sociolinguista considera a capacidade que um indivíduo tem de emitir juízos de valor, positivos ou negativos, sobre uma língua ou variedade linguística adotada.

2.1 Atitude linguística

A escolha ou opção de uso, ou não uso de uma língua é determinada por relações sociais que podem surgir de dentro ou de fora do grupo, muitas vezes por tipos de pressão externa. A escolha de uma determinada língua ou variedade linguística é produto da manifestação de preferência e de convenções sociais do status e prestígio que se tem sobre essa língua (FERNÁNDEZ, 1998, p. 179).

Em se tratando de comunidades minoritárias, como Mundurukú do Amazonas, os grupos majoritários de maior prestígio social, ou aqueles com situação socioeconômica mais favorável que estão próximos desta comunidade, ditam “as regras do jogo” da atitude linguística, ou seja, o uso linguístico das comunidades menores é determinado pelos grupos mais favorecidos e de maior prestígio socioeconomicamente.

Esse fenômeno que representa algum tipo de manifestação, o qual pode ser positiva (de aceitação) ou negativa (de recusa), que indivíduos de uma comunidade podem ter sobre a língua do outro, ou sobre a sua própria, é chamado de atitude linguística e foi inicialmente definido por Wallace Lambert, nos anos 1960. A verdade é que um elemento determinante da manutenção ou desaparecimento de uma língua é a atitude que seus falantes assumem no uso que fazem da língua.

Se os falantes de uma determinada variante linguística apresentar uma atitude desfavorável ou negativa, ou seja, de rejeição à própria língua, isso pode levar ao seu completo desaparecimento; por outro lado, se a atitude for positiva, ou seja, de aceitação, a língua poderá permanecer como componente da identidade e cultura de um povo. Entretanto, não são apenas atitudes positivas ou de aceitação que determinará o sucesso de um processo de revitalização, pois para que isso aconteça será preciso a efetivação de uma política linguística voltada para esta finalidade.

A possibilidade de aceitação ou recusa da língua por uma comunidade é determinada por fatores sociais que causam uma pressão tão forte que acabam definindo

os rumos de uma provável manutenção, desaparecimento ou, ainda, revitalização de uma língua.

A atitude linguística é uma a manifestação social dos indivíduos que interfere tanto na língua como no uso que dela se faz em sociedade. (RODRIGUES, 2008, p. 363). As línguas não são apenas substâncias feitas de forma e atributos linguísticos organizados e com função determinada, mas também representam relações sociais, traços culturais, valores, sentimentos e marcam a identidade de um povo. As atitudes positivas ou negativas de comportamento no uso da língua se realizam não só nas relações entre os indivíduos, mas nas relações com outras línguas. Uma atitude favorável ou negativa de uma língua pode determinar a troca de uso duma língua por outra; sua transmissão ou não; o ensino/aprendizagem de uma língua ao invés de outra.

A atitude linguística é uma manifestação de cunho social que indivíduos apresentam e que se refere à língua no uso e o que fazem dela na interação. A língua funciona como instrumento transmissor de significados sociais, valores, normas e marcas culturais. Ela constrói a identidade e fortalece a cultura de um povo. Dessa forma, pode-se pensar na relação entre língua e sociedade, ou seja, as atitudes que um indivíduo manifesta em relação à língua podem ser determinadas por marcas culturais que favorecem o fortalecimento da identidade dos grupos. A interação verbal se configura na relação entre os usuários da língua, e nesse processo os falantes assumem posturas sociais que caracterizam os usos da língua. “A relação entre língua e identidade é tão estreita que não se pode deixar de pensar em identidade étnica” (FERNÁNDEZ, 1998, p. 180).

A identidade é aquilo que permite diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro. Existem duas maneiras de definir uma identidade: bem de forma objetiva, caracterizando-a pelas instituições que as compõem e os padrões culturais que lhe dão personalidade, bem de forma subjetiva, antepondo o sentimento de comunidade compartilhado por todos seus membros e a ideia de diferenciação e respeito dos demais. (tradução) (FERNÁNDEZ, 1998: 180).³

³Texto original: La identidad es aquello que permite diferenciar un grupo de otro, una etnia de otra, un pueblo de otro. Hay dos maneras elementales de definir una identidad: bien de forma objetiva, caracterizando la por las instituciones que la componen y las pautas culturales que ledan personalidad, bien de forma subjetiva, anteponiendo el sentimiento de comunidade compartido por todos sus miembros y la idea de diferenciación respecto de los demás. (FERNÁNDEZ, 1998: 180).

Toda língua humana apresenta variações que se manifestam em seu vernáculo. As línguas apresentam variações nos mais diversos níveis, e, esta possibilidade que a língua possui, ou seja, a de mudar por conta de algum tipo de elemento condicionador, seja ele linguístico ou extralinguístico, pode ser produto da identidade da comunidade. Os comportamentos culturais que marcam uma determinada identidade das comunidades, como a comunidade mundurukú do Kwatá-Laranjal, são atitudes produtos de variações ou até mudanças linguísticas usadas. Esta manifestação de uso e escolha específica por uma variante linguística são reflexos de atitudes psicossociais dos usuários da língua, onde a língua é elemento recheado de significações socioculturais.

A relação existente entre um indivíduo e sua língua, bem como a relação com suas variantes e com outras línguas, interferem diretamente na maneira como esse falante utiliza a sua língua e na forma como vê outras línguas (CALVET, 2002, p. 65). Ao relatar tal fato, o autor afirma que “existe todo um conjunto de *atitudes*, de sentimentos dos falantes para com suas línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento.” (CALVET, 2002, p. 57, grifo do autor).

A atitude linguística é conceituada como uma manifestação de preferência e uma convenção social acerca do status de prestígio do falante em relação a sua língua (FERNÁNDEZ, 1998, p. 181). Em relação a isto, quando há a manifestação de preferência tem-se aí uma atitude linguística positiva; quando há a manifestação de não preferência, o falante apresenta uma atitude negativa. Neste sentido, segundo Fernández (1998, p. 181) grupos sociais de maior prestígio e mais poderosos economicamente determinam o padrão da atitude linguística das comunidades de fala. Por conta disso, a atitude é geralmente positiva se os seus falantes tiverem maior prestígio e posição social elevada. Geralmente, a atitude negativa, que uma comunidade minoritária apresenta de sua própria língua, acontece porque esta variedade ou língua não lhes proporciona uma ascensão social esperada pelos indivíduos, ou seja, a língua não apresenta prestígio para tais falantes.

Para compreender a possibilidade de que se tenha uma atitude negativa em relação a uma variedade e de que essa variedade seja objeto, ao mesmo tempo, de certa consideração, deve-se estabelecer uma distinção entre várias características: um indivíduo pode ser visto como profissional, como amigo, como padre ou como vizinho, as línguas podem ser estimadas por razões diferentes, razões que normalmente são sociais, subjetivas ou afetivas. Estas multiplicidades de classificações complicam muito as atitudes e explica sua capacidade de influência em situações diversas: por exemplo, a forma em que

os professores tratam os alunos, em que os profissionais entrevistam os candidatos a um posto de trabalho e em que os empregados de uma empresa tratam seus clientes (tradução). (FERNÁNDEZ, 1998, p. 181).⁴

A atitude linguística está intimamente relacionada à consciência sociolinguística do falante. Esta consciência cria comportamentos de uso linguístico que são determinados por uma série de ações sociolinguísticas que afetam sua atitude. Toda comunidade de fala tem conhecimento da preferência de uso da língua ou variante dentro de sua comunidade, também sabem que certos usos são específicos de certos grupos e não de outros. Assim cada comunidade ou grupo elege a língua ou variedade que considera mais adequada a seus interesses, os quais podem ser os mais diversos.

A atitude, a consciência e a variedade linguística, ou mesmo a língua, estão diretamente ligadas como elementos que as condicionam entre si, sobretudo em comunidades que usam mais de uma língua ou dialeto. A comunidade mundurukú do Kwatá manifesta o interesse de aprender a língua mundurukú, entretanto em algum momento do percurso diacrônico da língua elegeram a língua portuguesa como a mais atrativa, assim determinando a mudança linguística nesta comunidade. A atitude desta comunidade vem mudando ao longo das gerações e isso determinou a perda de sua língua nativa em detrimento ao uso do português.

Por conseguinte, em relação à atitude, uma das consequências diretas da consciência sociolinguística é o fato da segurança e insegurança linguística, isto é, a “relação que existe entre o que um falante considera correto, adequado ou de prestígio e seu próprio uso” (FERNÁNDEZ, 1998, p. 182).

Parece certo que a relação entre o conhecimento e a camada sociocultural e linguística é muito estreita e, como eles são baixas no espectro social, diminuiu grau de capacidade distintiva dos socialetos das comunidades. Se efetivamente, consciência linguística e estratificação social são paralelas, de

⁴Texto original: Para comprender la posibilidad de que se tenga una actitud negativa hacia una variedad y de que esa variedad sea objeto al mismo tiempo de certa consideración, se debe establecer una distinción entre varias características: de igual modo que a un individuo se le puede apreciar de modo diferente como profesional, como amigo, como padre o como vecino, las lenguas pueden ser estimadas por razones diferentes, razones que normalmente son sociales, subjetivas o afectivas. Esta multiplicidad de valoraciones complica enormemente las actitudes y explica su capacidad de influencia en situaciones muy diversas: la forma en que los profesores tratan a los alumnos, en que los profesionales entrevistados a los candidatos a un puesto de trabajo y en que los empleados de una empresa a sus clientes (FERNÁNDEZ, 1998: 181).

alguma forma, tem que saber qual é fenomenologia que dá origem às distinções. (tradução) (FERNÁNDEZ, 1998, p. 182).⁵

Fala-se de segurança linguística, segundo Fernández (1998, p. 182) “quando o que um falante considera como correto e adequado coincide com os usos espontâneos do mesmo falante; por outro lado, a insegurança linguística surge quando tal coincidência diminui ou desaparece”. Esta capacidade de escolha que possui um falante deriva da consciência linguística. Tal escolha se torna decisiva para explicar os fenômenos de variação e mudanças linguísticas, assim como a escolha de uma língua em comunidades multilíngues.

2.2 Classificações dos componentes da atitude

Há muito tempo a atitude linguística tem sido estudada a partir de dois pontos de vistas fundamentados pela psicologia: o mentalista e o condutista. Segundo Fernández (1998).

A concepção *condutista* interpreta a atitude como uma conduta, como uma reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua, uma situação ou características sociolinguísticas determinadas. Do ponto de vista *mentalista*, a atitude é entendida como um estado interno do indivíduo, uma disposição mental a condições ou a atos sociolinguísticos concretos; neste sentido, a atitude seria uma categoria intermediária entre um estímulo ou a ação individual. (tradução) (FERNÁNDEZ, 1998, p. 182).⁶

Os estudos das atitudes linguísticas sempre foram realizados a partir de perspectivas distintas que incluem a mentalista e condutista. A diferença entre as duas diz respeito à concepção e à metodologia (MERINERO, 2011).

Morales (1989, p. 232) considera que estes conceitos são bastante diferentes.

⁵Texto original: Parece certo que la relación entre estrato sociocultural y conocimiento lingüística es muy estrecha y que, a medida que se baja en el espectro social, disminuy el grado de capacidad distintiva de los dialectos de la comunidad. Si, efectivamente, conciencia lingüística y estratificación social son de alguna forma paralelas, habrá que saber cuáles la fenomenología que da pie a las distinciones. (FERNÁNDEZ, 1998: 182).

⁶Texto original: A concepción *conductista* interpreta la actitud como una conducta, como una reacción o respuesta a un estímulo, esto es, a una lengua, una situación o unas características sociolingüísticas determinadas. Desde un punto de vista *mentalista*, la actitud se entiende como un estado interno del individuo, una disposición mental hacia unas condiciones o unos hechos sociolingüísticos concretos; en este sentido, la actitud sería una categoría intermediaria entre un estímulo y el comportamiento o la acción individual. (FERNÁNDEZ, 1998, p. 182).

Ao lado destas mesmas concepções, radicalmente diferentes, outro elemento distintivo é a estrutura componencial da atitude. Por uma parte, os mentalistas as veem como uma estrutura componencial, embora com discrepância enquanto ao número e a natureza dos componentes; os condutistas por outro lado as concebem como unidade indivisível. (tradução).⁷

2.2.1 Modelo de López Morales

López Morales (1989), fazendo uma readaptação do modelo de estudo comportamental, considera que a atitude é uma resposta dada pelos indivíduos às situações sociais distintas, e, portanto, como reflexo concreto das percepções linguísticas (FERREIRA, 2009, p. 253):

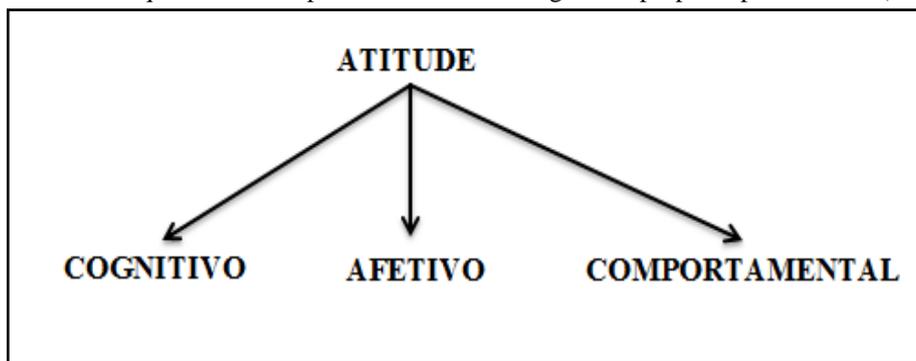
Tanto psicólogos sociais como sociolinguistas têm dado definições de atitude linguística que seguem duas grandes direções: a concepção *mentalista*, segunda a qual a *atitude* é tomada como uma *variável* que reside entre um estímulo e uma resposta a ele, e a concepção *comportamental* defendida por López Morales, que é a que adoto. (FERREIRA, 2009, p. 253).

Morales (1989, p.233), também se referindo à atitude, cita Lambert (1967), o qual diz que a atitude é formada por três componentes: i) o cognitivo; ii) o afetivo; e, iii) o comportamental. O primeiro componente, o cognitivo, refere-se às percepções, às crenças e os estereótipos presentes no indivíduo. O segundo, afetivo, diz respeito às reações emocionais e sentimentos. O terceiro, o comportamental, refere-se a um dado comportamento diante da atitude. Por conseguinte, a atitude linguística de um indivíduo representaria o produto da soma das suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística (AGUILERA, 2008, p. 206).

O esquema abaixo de Lambert (1967) representa os três componentes da atitude:

⁷Texto original: Al margen de estas concepciones mismas, radicalmente diferentes, otro elemento distintivo es la estructura componencial de la actitud. Por una parte, los mentalistas la visualizan como una estructura componencial múltiple, aunque con discrepância encuanto al número y a la naturaleza de los subcomponentes; los conductistas, por otra, la conciben como unidad indivisible.

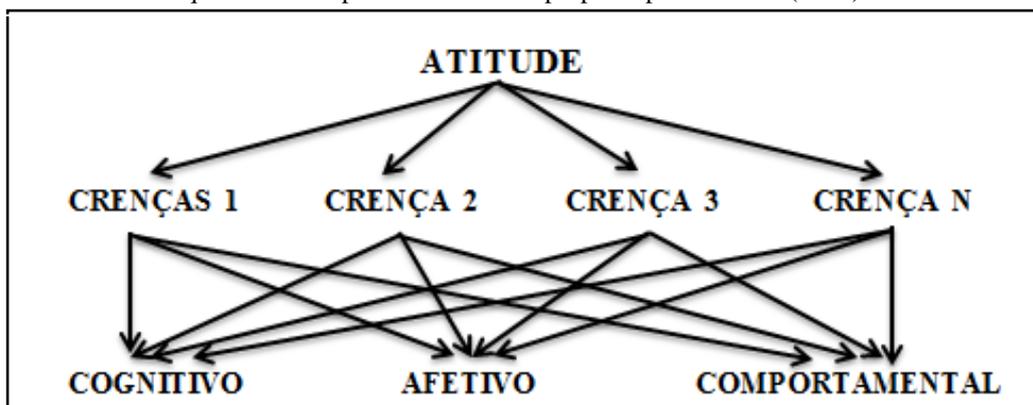
FIGURA 3: esquema dos componentes da atitude linguística proposto por Lambert (1967).



Fonte: Lopez Morales (1989, p.233).

Outro modelo de estrutura das atitudes linguísticas é o que propõe Rokeach (1968^{apud} MORALES, 1989, p. 233), em que a base da atitude se compõe de um sistema de crenças e cada uma delas tem esses mesmos componentes.

FIGURA 4: Esquema do componente da atitude proposto por Rokeach (1968).



Fonte: Morales (1989, p.233).

Para Rokeach (1968) a atitude é vista basicamente como um sistema ou conjunto de crenças, onde se teria as crenças 1; crenças 2; crenças N. Assim a atitude depende fundamentalmente daquilo que se crê acerca de um fenômeno sociolinguístico. Cada uma dessas crenças é formada pela soma dos três componentes: o cognitivo, o afetivo, e o conativo. Dessa forma, conhecimentos, valoração e condutas podem dar lugar a um sistema de crenças (FERNÁNDEZ, 1998).

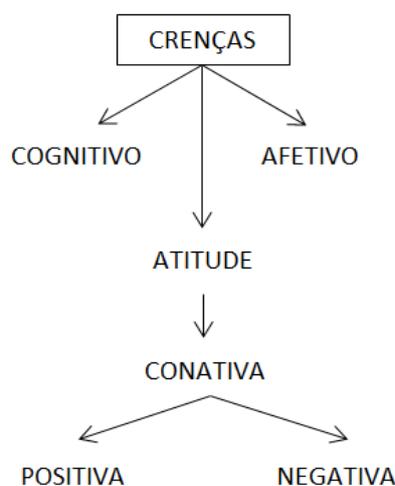
Gómez Molina (1996^{apud} AGUILERA, 2008, p. 106), no estudo sobre as atitudes linguísticas na região metropolitana de Valença-Espanha, discute

o papel que cada um desses componentes representa na manifestação da atitude linguística do falante diante da fala do outro. Para o autor, o componente cognoscitivo teria o maior peso sobre os demais por conformar, em larga escala, a consciência sociolinguística, uma vez que nele intervêm os

conhecimentos e pré-julgamento dos falantes: consciência linguística, crenças, estereótipos, expectativas sociais (prestígio, ascensão), grau de bilinguismo, características da personalidade, etc.. O componente afetivo, por sua vez, está alicerçado em juízos de valor (estima-ódio) a cerca das características da fala: variedade dialetal, acento; da associação com traços de identidade; etnicidade, lealdade, valor simbólico, orgulho; e do sentimento de solidariedade com o grupo a quem pertence. O componente conativo, por sua vez, reflete a intenção de conduta, o plano de ação sob determinados contextos e circunstâncias. Mostra a tendência a atuar e a reagir com seus interlocutores em diferentes âmbitos ou domínios: rua, casa, escola, loja, trabalho. (GÓMEZ MOLINA, 1996 *apud* AGUILERA, 2008, p. 106).

Morales (1989 *apud* FERNÁNDEZ, 1998) tem a preocupação de separar o conceito de crença do conceito de atitude e os colocar em níveis de observação diferentes. Para ele, as crenças dão lugar a atitudes diferentes, estas por sua vez, ajudam a colocar as crenças junto aos componentes cognitivos e afetivos. Assim, Morales (1989) considera que as crenças podem estar baseadas em ações reais e podem não estar motivadas empiricamente.

FIGURA 5: Modelo de atitude de Morales (1989 *apud* FERNÁNDEZ, 1998).



Segundo o modelo acima,

as atitudes estão formadas por comportamentos, ou seja, o componente conativo e por condutas que podem ser positivas, de aceitação, ou negativas, de recusa. Por outro lado, uma atitude neutra representa a ausência de atitude e não como um componente a mais dela. Afirma Morales que nem todas levam ao aparecimento de atitudes, entretanto a maioria das crenças a produzem. Fenômenos linguísticos ou mudanças provenientes de meios rurais, vulgares ou de língua minoritárias produzem uma atitude negativa que leva a recusa de uma língua. Quando um uso linguístico não está de acordo

com a atitude de aceitação ou de recusa aparece um fenômeno denominado *insegurança linguística* (tradução). (FERNÁNDEZ, 1998, p. 185).⁸

As crenças dão origens, a princípio, aos componentes cognitivo, afetivo e pela atitude que se apresenta num nível diferente. A atitude, por sua vez, leva ao componente conativo, que representa a conduta, o modo de agir e reagir do indivíduo diante de uma situação sociolinguística. Esta reação ou comportamento pode ser de cunho positivo ou negativo diante de uma variedade linguística ou língua. A descrição de atitude de Morales (1989) se apresenta como um modelo condutista de atitude, pois a vê como produto de comportamentos sociais específicos dos indivíduos em relação a determinadas situações.

2.2.2 Modelo de Moreno Fernández

No modelo de classificação de Fernández (1998) as atitudes implicam diretamente a presença de vários elementos ou subcomponentes que não devem ser confundidos, e que são classificados como:

- a) VALORAÇÃO (componente afetivo);
- b) SABER OU CRENÇA (componente cognitivo);
- c) CONDUTA (componente conativo).

Esta classificação proposta por Fernández (1998) é critério de estudo dos defensores da interpretação mentalista de atitude. Neste modelo, a atitude é vista como um elemento que se apresenta entre um estímulo e a reação que um indivíduo manifesta. Por outro lado, psicólogos condutistas geralmente veem na atitude apenas um elemento ou componente: o afetivo ou de valoração.

Fishbein (1975 *apud* FERNÁNDEZ, 1998), por sua vez, afirma que os hábitos e situações linguísticas dão lugar a atitudes e as crenças. Para Fishbein (1975) as atitudes

⁸Texto original: Las actitudes están formadas por comportamientos (componente conativo), por conductas que pueden ser positivas, de aceptación, o negativas, de rechazo. La actitud neutra se concibe como una ausencia de actitud y no como una clase más de ella. Afirma López Moralez que no todas las creencias llevan a la aparición de actitudes, pero que la mayoría de ellas sí las proceden. De este modo, los fenómenos considerados como rurales o vugares producen una actitud negativa que lleva a su rechazo. Cuando el uso concuerda con la actitud de aceptación o de rechazo, aparece el fenómeno denominado *inseguridad lingüística*.

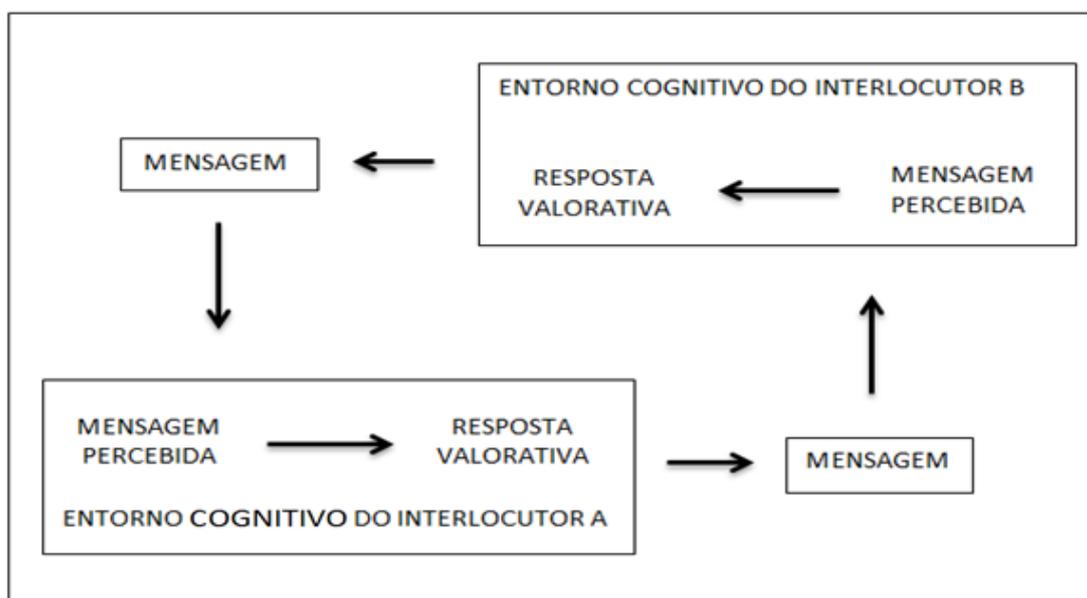
são compostas por um só componente, o qual ele chama de afetivo. Este componente da atitude diz respeito à valoração subjetiva e sentimental que se faz de um objeto sociolinguístico.

Outros autores pretendiam fornecer explicações onde se dá mais importância ao dinamismo do modelo da relação estrutural de seus componentes. Street (1982) propõe um modelo de valoração da fala baseado em juízos de valor e nos usos linguísticos dos interlocutores. Os processos cognitivos e de conduta vêm determinados por três variáveis:

- a) Os conhecimentos recebidos e os prejulgamentos dos falantes (estereótipos, processamento de informações, características de personalidades, expectativas sociológicas);
- b) As características da fala (sotaque, dialetos, elementos paralinguísticos);
- c) As intenções dos interlocutores.

Abaixo está a figura representativa do modelo proposto por Street (1982) que descreve a relação dos componentes da atitude com os juízos de valores dos interlocutores no processo comunicativo.

FIGURA 6: Modelo de valoração de estilo de fala seguido por Street (1982 apud FERNÁNDEZ, 1998).



Este modelo descreve um processo que começa com a transformação de uma mensagem, que é percebida pelo indivíduo e transformada automaticamente em uma resposta valorativa. Neste momento são ativados elementos de acomodação da fala. Isso tudo acontece dentro de um conjunto de conhecimentos e saberes sociais que se caracterizam como estilos dos falantes. O processo, segundo o modelo, acaba se apresentando como um ciclo que começa com uma mensagem percebida por um interlocutor A e vai até a mensagem percebida pelo interlocutor B, retomando novamente a trajetória.

2.2.3 A perspectiva adotada

Embora os estudos da atitude sejam feitos por duas perspectivas distintas e com metodologia bem definida, este trabalho adota, para a análise do corpus da pesquisa, a perspectiva mentalista, pois considera que os dados foram coletados a partir de uma técnica que permite descobrir o estado mental internos dos colaboradores. Por outro lado, não seria sensato, para este estudo, desconsiderar totalmente a perspectiva do grupo dos condutistas, que “geralmente utilizam como procedimento e estudo a observação direta das condutas objetivas, ou seja, comportamentos realizados pelos indivíduos em relação à língua” (FERNÁNDEZ, 1998 p. 186).

Segundo Fernández (1998) o método de estudo mentalista não dispõe da segurança, oferece um estado mental, contrário da conduta, que não é observável diretamente e deve ser inferido a partir do comportamento linguístico ou de outro tipo de dado, no qual o indivíduo contribua de forma voluntária ou involuntária. Ou seja, os dados desta pesquisa foram coletados a partir de entrevistas realizadas com alunos do curso de formação. Assim qualquer tipo de informação sobre a atitude linguística não poderia ser observável diretamente, mas a partir do estado interno e mental dos colaboradores. Dessa forma, a atitude linguística que será observada, apresenta-se entre a situação sociolinguística e o comportamento manifestado pelo indivíduo em relação à língua ou variedade.

Assim esta atitude apresenta os seguintes componentes:

ATITUDE		
VALORAÇÃO	SABER OU CRENÇA	CONDUTA
(componente afetivo)	(componente cognitivo)	(componente conativo)

Assim, o aporte teórico-metodológico desta pesquisa origina-se da Psicologia Social, no qual foi adotada a hipótese mentalista para o tratamento dos dados referentes à atitude linguística. Segundo Blanco Canales (2004 *apud* CORBARI, 2012 p. 188) “apesar das evidentes desvantagens dessa abordagem, que demanda um mecanismo que permita inferir e medir as atitudes, é a mais bem aceita devido à sua capacidade de prever o comportamento verbal e, portanto, converte-se em modelo sistemático”.

A orientação para a análise das atitudes é feita seguindo a proposta de Lambert e Lambert (1967 *apud* CORBARI, 2012 p. 188), que propõe mensurar as atitudes por meio de um questionário para a coleta de informações, nas quais podem ser percebidos os componentes da atitude, a saber:

VALORAÇÃO (ou componente afetivo): corresponde ao sentimento frente ao que se sabe a respeito de uma língua, variação ou falantes. Neste componente será observada a preferência que o colaborador manifesta em relação ao uso que quer fazer da língua mundurukú e do português; quais os desejos que os indivíduos possuem para o futuro da língua que gostariam de resgatar e o que pretendem fazer com a língua de seu uso diário. Na pergunta abaixo ratificamos nossa intenção de pesquisa deste componente.

“Em que língua você gostaria que seus filhos fossem alfabetizados?”

(MDKC7) *“Eu tenho muita vontade dos meus filhos ser assim alfabetizados na língua mundurukú, mas a gente sente uma grande dificuldade da gente não ter o domínio da língua materna pra ensinar as crianças, e o que a gente acha mais fácil é o português”.*

SABER OU CRENÇA (ou componente cognitivo): referente às informações que se conhece sobre a língua, variedade ou grupo linguístico. No elemento cognitivo da atitude linguística, pretende-se entender o que os indivíduos sabem sobre a língua

mundurukú; o que pensam sobre seus usos; quais suas crenças e o que isso pode ajudar no processo de revitalização linguística e fortalecimento da sua cultura. Quando se perguntou que língua eles, seus pais e avós haviam aprendido quando criança objetivou-se entender a eventual mudança de uso da língua e o marco cronológico desta mudança.

“Qual a primeira língua que você aprendeu quando criança?”

(MDKC12) “A primeira língua que eu aprendi foi o português né? Já quando a gente começou entendi a língua mundurucu já não... existia, mas bem pouco a gente aprendeu logo o português”.

CONDUTA: (ou componente conativo) refere-se à capacidade para agir ao que se sabe e sente sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico. No componente conativo, ou também chamado de comportamental, esta pesquisa procura determinar as manifestações reativas dos indivíduos em relação à língua mundurukú e também seus comportamentos sobre a língua portuguesa. A partir deste elemento podemos até especular sobre os comportamentos dos pais e avós dos colaboradores sobre as línguas mundurukú e portuguesa. A resposta abaixo nos dá indícios de tipos de comportamentos que os mais velhos manifestavam no momento da interação familiar.

“Você escutava seus avós falarem com seus pais na língua mundurukú?”

(MDKC8) “Bom, a gente ouvia, mas eles não permitiam que a gente aprendesse também”.

A proposta de análise deste trabalho, o qual será feito de forma mais detalhada no capítulo da análise (cf. Capítulo 4), é identificar os componentes da atitude nas falas dos entrevistados e procurar pistas que assinalam a real intenção que os informantes apresentam no uso de sua língua nativa. Para isso, se fará uso do conceito dos três componentes para que eles possam ser confrontados e identificados no discurso dos informantes. Os informantes manifestam o interesse em voltar a usar a língua mundurukú e ensiná-la às crianças promovendo a transmissão da língua na comunidade do Kwatá-Laranjal. O trabalho com a atitude linguística e os componentes que a constituem podem proporcionar, a esta pesquisa, uma observação mais exata do que os informantes realmente querem com o uso do português e do mundurukú.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com um planejamento sistemático, a pesquisa de campo teve início com uma viagem realizada no mês de agosto de 2011. Partimos da cidade de Belém-PA, pela manhã e chegamos à cidade de Manaus-AM, à tarde, via traslado aéreo, e em seguida, no mesmo dia, continuamos, pela mesma modalidade de transporte, a viagem até o município de Borba-AM, local da pesquisa, com o intuito de manter os primeiros contatos com os informantes. A chegada até o destino final da pesquisa foi aproximadamente às seis horas da tarde. Seguimos até uma hospedaria da cidade de Borba, onde ficamos oito dias seguidos para a realização da pesquisa.

O processo de investigação começou com a visita ao local onde funcionam as aulas da licenciatura e procurou-se depois definir a melhor forma de se aplicar as entrevistas. Entende-se que a seleção de um lugar adequado e que nos possibilitasse o mínimo de privacidade para a realização da gravação do áudio da entrevista seria fundamental para o sucesso da coleta. Dessa forma, foi escolhida uma sala fechada, a qual serviu de referência para todas as outras entrevistas, sendo todas elas gravadas.

Outro objetivo alcançado com a pesquisa de campo foi a aquisição de documentos, relacionados aos projetos de formação Licenciatura Específica para Formação de Professores Indígenas/Turma Mundurukú, a partir de uma busca nos órgãos públicos de ensino no município de Borba. Enfim, a realização das entrevistas; o registro; e, a aquisição de documentos permitiu a construção de bases argumentativas mais concretas que viabilizem uma explicação adequada do fenômeno estudado.

Na cidade de Borba, a pesquisa centralizou-se no local onde funciona a Licenciatura, no prédio da prelazia. Nele, fica preparada toda uma estrutura com dormitórios e cantina para os alunos. A prefeitura do município toma a responsabilidade em dar todos estes subsídios para facilitar a vida dos alunos longe de seu lar. Consideram-se como participantes desta pesquisa os 35 alunos do projeto, embora o número total seja 43 alunos. Desses 43 estudantes, 08 são oriundos da Terra Indígena Mundurukú do estado do Pará, falantes nativos da língua mundurukú, desses, apenas um é considerado falante fluente em português, enquanto que os demais dominam mais a língua nativa que o português. A presença destes alunos na formação justifica-se em virtude da possibilidade da interação permitir o contato mais direto com a língua mundurukú, dessa forma concretizando um dos objetivos desta formação, que é o resgate linguístico/cultural da comunidade indígena do Kwatá-Laranjal. Essa interação

com os alunos do Pará visa ajudar no aprendizado dos alunos do Amazonas em relação à língua mundurukú. Para este estudo considerou-se somente as entrevistas feitas com os alunos do Kwatá-Laranjal, já que os mundurukú do Pará são todos falantes nativos da língua.

3.1 Os Informantes

O quadro abaixo apresenta o perfil dos informantes que contribuíram com a pesquisa. No geral, a análise é baseada nas entrevistas feitas com 35 alunos, com idade entre 20 a 50 anos, sendo professores e estudantes oriundos de diferentes aldeias da Terra Indígena Kwatá-Laranjal.

QUADRO 3: Demonstrativo dos informantes da pesquisa.

Nº	INFORMANTES	SEXO	IDADE	OCUPAÇÃO	LOCAL DE ORIGEM
01	MDKC1	MAS	38	PROFESSOR	KAYAWÉ (KWATÁ-LARANJAL)
02	MDKC2	MAS	21	ESTUDANTE	KAYAWÉ (KWATÁ-LARANJAL)
03	MDKC3	FEM	31	PROFESSORA	KAYAWÉ (KWATÁ-LARANJAL)
04	MDKC4	MAS	32	PROFESSOR	KAYAWÉ (KWATÁ-LARANJAL)
05	MDKC5	MAS	37	PROFESSOR	RIO CANUMÃ (KWATÁ)
06	MDKC6	MAS	25	PROFESSOR	KWATÁ
07	MDKC7	MAS	26	AGRICULTOR	ALDEIA PAJURÁ
08	MDKC8	MAS	50	PROFESSOR	KWATÁ
09	MDKC9	MAS	27	PROFESSOR	KWATÁ
10	MDKC10	FEM	29	ESTUDANTE	KWATÁ
11	MDKC11	MAS	28	ESTUDANTE	ALDEIA JUVENAL
12	MDKC12	MAS	29	PROFESSOR	KWATÁ
13	MDKC13	MAS	27	ESTUDANTE	KWATÁ
14	MDKC14	MAS	42	PROFESSOR	BOA VISTA (RIO CANUMÃ)
15	MDKC15	FEM	21	ESTUDANTE	KWATÁ
16	MDKC16	MAS	33	PROFESSOR	ALDEIA MUCAJÁ RIO MARI-MARI
17	MDKC17	FEM	27	ENFERMEIRA	KWATÁ
18	MDKC18	FEM	33	PROFESSORA	KWATÁ

19	MDKC19	FEM	38	PROFESSORA	KWATÁ
20	MDKC20	FEM	29	AGRICULTORA	ALDEIA LARANJAL
21	MDKC21	FEM	32	PROFESSORA	RIO MAPIÁ
22	MDKC22	FEM	35	PROFESSORA	KWATÁ
23	MDKC23	MAS	47	PROFESSOR	ALDEIA FRONTEIRA
24	MDKC24	FEM	23	ESTUDANTE	KWATÁ
25	MDKC25	MAS	37	PROFESSOR	KWATÁ
26	MDKC26	MAS	35	PROFESSOR	KWATÁ
27	MDKC27	FEM	29	PROFESSORA	BORBA
28	MDKC28	MAS	29	PROFESSOR	FORTE CANUMÃ
29	MDKC29	FEM	42	AGRICULTORA	KWATÁ
30	MDKC30	FEM	36	PROFESSORA	KWATÁ
31	MDKC31	FEM	30	PROFESSORA	KWATÁ
32	MDKC32	MAS	37	PROFESSOR	KWATÁ
33	MDKC33	MAS	29	PROFESSOR	KWATÁ
34	MDKC34	FEM	38	PROFESSORA	RIO CANUMÃ
35	MDKC35	FEM	32	PROFESSORA	RIO ABACAXI

Fonte: Elaborado pelo autor.

No plano de amostra acima, embora tivessem submetidos todos os informantes a assinatura de um documento de autorização de uso das informações por eles fornecidas, foi escolhido identificar os sujeitos da pesquisa por códigos, o que possibilita a preservação de suas identidades. Numa descrição bastante resumida do quadro de amostra desta pesquisa, podem-se observar as seguintes informações gerais:

QUADRO 4: Quantitativo geral dos informantes (sexo e profissão).

QUANTIDADE	SEXO	PROFISSÃO
35 INFORMANTES	19 HOMENS	25 PROFESSORES
		7 ESTUDANTES
	16 MULHERES	3 AGRICULTORES
		1 ENFERMEIRA

Fonte: Elaborado pelo autor.

3.2 As entrevistas

A entrevista é um mecanismo de coleta de dados muito utilizada nas ciências sociais como forma de captar informações do campo da pesquisa. Como procedimento ou instrumento, ela proporciona maior interação com os elementos da pesquisa. A entrevista é uma técnica de coleta de dados que carece de planejamento, assim sua execução poderá proporcionar ao pesquisador interpretações mais adequadas e coerentes das informações coletadas. O planejamento dá condições para o pesquisador alimentar a investigação com dados consistentes, assim a pesquisa terá grandes chances de ser conduzida a conclusões acertadas.

A entrevista é um método de coleta de dados que se vale do encontro de pessoas. (CANNELL; KAHN, 1974; FARR, 1982 *apud* VERGARA, 2009). Nesse processo interacional a relação entre os participantes é direta, pois a figura do entrevistador tem a oportunidade de observar todos os detalhes da entrevista. O pesquisador fica de frente com seu colaborador; participa do processo de forma direta ou indireta, interferindo nas respostas ou até complementando sua pergunta para melhor captar informações. No método da entrevista há a figura daquele que é o responsável e aquele o qual se delega a tarefa de entrevistar, ou seja, o entrevistador. Do outro lado, tem-se a figura de uma ou algumas pessoas que se dispõem prestar as informações pertinentes à pesquisa, ou seja, os entrevistados.

Segundo Vergara (2009, p. 3):

Pode-se dizer que entrevista é uma interação verbal, uma conversa, um diálogo, uma troca de significados, recurso para produzir conhecimento sobre algo. Em geral entrevistados e entrevistador não se conhecem, logo, é no tempo da entrevista que estabelecem o relacionamento. Mas isso não é uma regra geral. Pode acontecer de entrevistado e entrevistadores já se conhecerem e essa relação é capaz de até facilitar o encontro com o fim precípua de obtenção de informações para a pesquisa. (VERGARA, 2009 p. 3).

Entrevistas podem ser realizadas pessoalmente, o que é o ideal, porque permite ao entrevistador obter informações não verbais, ou seja, aquelas expressas pela postura corporal, tom e ritmo de voz, gestos e olhares do entrevistado sinais faciais, como a polidez, o rubor, a transpiração. Tais informações não verbais podem sublinhar ou desdizer as informações verbais e, nesse sentido, podem ser bastante úteis ao entrevistador que se dispõe a ouvir, ler e concluir sobre a concatenação ou, ao contrário, sobre a disparidade dos dois tipos de informações. Entrevistas também podem ser realizadas por telefone ou outro meio de telecomunicação que permita a conversa. (VERGARA, 2009 p. 4).

Os dados que serviram de base para a análise defendida neste estudo foram obtidos a partir de entrevistas subsidiadas por um questionário (cf. subtópico 3.3 abaixo). No caso das entrevistas, o objetivo era apreender as opiniões, anseios, frustrações e perspectivas dos sujeitos entrevistados (GIL, 1989). Daí as entrevistas terem sido feitas individualmente e em lugar reservado, onde somente entrevistador e entrevistado estavam presentes, deixando os entrevistados mais à vontade e, conseqüentemente, dando respostas mais espontâneas. As falas permitem uma interpretação clara e concreta de tudo o que envolve o objeto deste estudo. É nesse momento que se procura entender sentimentos, angústias, expectativas, desejos e frustrações sobre a língua que foi, sistematicamente, relegada ao esquecimento.

É obvio que se entende que são vários os fatores ocorridos ao longo da história desta comunidade, determinantes para que o sentimento de retomada de parte de sua cultura brotasse no seio da nação mundurukú. Por conta disto, foi imprescindível ouvir os sujeitos/informantes, afinal, suas falas são centrais para a compreensão da atitude diante do resgate da língua na comunidade. De acordo com Schlemmer (1992), tal instrumental é de grande valor, porém exige vencer o desafio de evitar a manipulação indevida das informações, sob pena de comprometer a veracidade do fenômeno investigado.

Quando se optou em construir um questionário, enquanto instrumento de coleta de dados, entendeu-se que o produto dele serviria como elemento norteador da análise. Na opinião de Yin (2001), um bom ouvinte deve ser capaz de conseguir agregar o máximo de informação evitando análises tendenciosas, colhendo principalmente as palavras importantes, percebendo qual a leitura de mundo apresentada pelo entrevistado. Destaca-se que o entrevistador deve ser bastante habilidoso ao registrar as respostas; uma de suas preocupações deve ser registrar exatamente o que foi dito, pois seu papel é fazer com que as respostas sejam completas e suficientes (GIL, 1989).

A estratégia adotada para evitar que o produto das entrevistas não fosse negligenciado foi a utilização de gravações em áudio e transcrições posteriores das falas dos informantes. Todos os procedimentos ocorrem respeitando o princípio básico da pesquisa científica que é a responsabilidade ética (SCHLEMMER, 1992). No decorrer do trabalho de pesquisa, por livre iniciativa do pesquisador, todos assinaram um termo de autorização das informações cedidas pelos informantes, permitindo que estas fossem utilizadas em trabalhos científicos, sem fins comerciais, mas mantendo-se preservada a

identidade dos informantes, daí porque todos são aqui identificados apenas pelas iniciais de seus nomes.

3.3 O questionário

O questionário é um grande instrumento de pesquisa e, por conta disto, foi uma ferramenta imprescindível para o ato de coleta dos dados linguísticos que serão alvo de estudos deste trabalho. Segundo Vergara (2009) o questionário é um método de coleta no campo, de interagir com o campo composto por uma série ordenada de questões a respeito de variáveis e situações que o pesquisador deseja investigar.

O objetivo da aplicação do questionário foi recolher informações sobre a atitude linguística e principalmente sobre os componentes que formam tal atitude. Deste modo, as perguntas do questionário pretendiam vislumbrar questões sobre o componente cognitivo, o qual se refere ao conhecimento que se tem da língua; o afetivo, que se refere à preferência por uma ou outra língua; e o comportamental, que é sobre o uso linguístico habitual e transmissão da língua. A proposta de análise destes elementos formadores da atitude linguística é de Lambert (1967 *apud* MORALES, 1989), considerando o grupo de estudo mentalista, dentro da psicologia da linguagem.

Procurou-se organizar as discussões da pesquisa considerando quatro áreas, às quais foram relacionadas perguntas sobre: história do uso da língua; educação ou ensino da língua; uso atual da língua; e, atitude linguística. A proposta desta organização é entender, a partir da visão dos próprios mundurukú, aspectos históricos, sociais e educacionais da língua que se apresenta em perigo de extinção. Embora se entenda que todos esses aspectos recaiam na atitude que os falantes assumem em relação à língua, procurou-se separá-los para organizar a aplicação das perguntas que compõem o questionário usado na entrevista.

Embora tenhamos aplicadas nas entrevistas as 42 perguntas existentes em nosso questionário, escolhemos fazer a análise de apenas 11, pois consideramos as mais adequadas para uma análise quantitativa, onde objetivamos fazer uma observação estatística das informações produzidas no questionário. As perguntas desse questionário foram aplicadas oralmente e, conseqüentemente, as respostas tiveram a mesma característica. Por conseguinte, o produto do questionário, as respostas, foram gravadas e posteriormente transcritas. Este formato de coleta, a partir das falas dos informantes, foi anteriormente planejado para esta pesquisa.

Listamos abaixo as perguntas escolhidas para tal análise. As perguntas 1, 2 e 3 dizem respeito mais ao componente cognitivo, já que representam aquilo que os indivíduos possuem de informação sobre a língua. As perguntas 4 e 10 dizem respeito ao componente conativo, pois representam a ação no momento da interação; a possibilidade de agir e reagir no momento da fala em contextos diferentes. As perguntas 5 e 6 são uma mistura dos componentes comportamental e afetivo, pois além de mostrar o uso diário de uma ou outra língua, esse uso está ligado à escolha de uma ou outra língua. As perguntas 7, 8, 9 e 11 dizem respeito ao componente afetivo porque representam os conhecimentos, a consciência e as crenças dos indivíduos, ou seja, estilo de determinada língua.

1. *Qual a primeira língua que você aprendeu quando criança?*
2. *Que língua seus pais aprenderam quando criança?*
3. *Que língua seus avós aprenderam quando criança?*
4. *Você escutava seus avós falarem com seus pais na língua mundurukú?*
5. *Que língua você usa mais frequentemente em casa para falar com as crianças?*
6. *Que língua você usa mais frequentemente em casa para falar com adultos?*
7. *Que língua você prefere para ler?*
8. *Que língua você prefere para escrever?*
9. *Em que língua você gostaria que seus filhos fossem alfabetizados?*
10. *Você já teve algum tipo de experiência de aprendizagem em língua mundurukú?*
11. *Que língua deve ser ensinada na escola?*

O *corpus* desta pesquisa é produto de entrevistas realizadas com informantes da língua mundurukú da comunidade do Kwatá-Laranjal, os quais pretendem, a partir da formação superior, resgatar sua língua de cultura. O instrumento de coleta do *corpus* pretende absorver o máximo de informações pertinentes à realidade linguística desta comunidade, e para isso, o instrumento de coleta assumiu a qualidade de entrevista estruturada semiaberta. Um roteiro com estrutura de perguntas onde são permitidas inclusões, mudanças em geral das perguntas, explicações ao entrevistado sobre alguma pergunta ou alguma palavra, dando um caráter de abertura (VEGARA, 2009).

A partir deste tipo de entrevista foram coletadas respostas das mais variadas possíveis. Respostas, as quais os entrevistados respondiam “sim” ou “não”; “não sei”; “às vezes”, em que poderíamos chamar de respostas mais diretas. Também obtivemos respostas mais explicativas onde se tinha a preocupação de descrever o fato perguntado

e, na maioria dos casos, para se ter este tipo de resposta, os entrevistados recorriam às incursões nas perguntas. A coleta de informações não pretendeu influenciar os informantes e, por isso, foi adotada tal metodologia para a pesquisa. Em perguntas como: *Você escutava seus avós falarem com seus pais na língua mundurukú?*

A resposta era catedrática, como “sim, não, escutava, não escutava”.

Por conta de ter utilizado uma entrevista estruturada semiaberta, este trabalho não teve o intuito de demarcar escolhas para os informantes e sim lhes dar livre arbítrio em suas respostas, assim deixando fluir suas reais intenções e sentimentos sobre a língua, ou melhor, suas reais atitudes linguísticas.

No capítulo seguinte será feita análise da transcrição das entrevistas realizadas com os alunos do projeto de formação que participaram de nossa pesquisa. Para tanto, será considerado o conceito de atitude linguística e os componentes cognitivo, afetivo e comportamental, onde possivelmente serão encontrados nas falas das respostas dadas.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A partir de agora serão analisados as informações obtidas nas entrevistas realizadas com os informantes do programa Licenciatura Específica para Formação de Professores Indígenas/Turma Mundurukú (AM/PA). A metodologia aplicada nas entrevistas, descrita no tópico da metodologia, obedeceu às características de uma entrevista estruturada semiaberta, objetivando recolher respostas de cunho livre dadas pelos informantes e relatadas de forma oral, pois toda a interação do processo de entrevista ocorreu com essas características. Contudo, dos 43 informantes, desta etapa da análise, foram considerados apenas os informantes do Amazonas, os quais representam 35 indivíduos, pois são eles que apresentam a língua em perigo eminente e é a sua atitude linguística o objeto de estudo deste trabalho.

Adotando uma abordagem quantitativa, esta análise pretendeu apresentar uma descrição estatística do produto das entrevistas, onde se entendeu que informações como: a história da língua, a educação da língua, o uso da língua e a atitude da língua, as quais as perguntas foram organizadas, poderiam nos fornecer informações valiosas sobre: Quem fala a língua? Diz o que sobre a língua? Como fala? Quando fala? Este trabalho pretende analisar as atitudes linguísticas dos indivíduos da comunidade indígena Mundurukú do Kwatá-Laranjal do estado do Amazonas, considerando o interesse, manifestado por eles, em revitalizar a língua mundurukú.

Segundo Fernández (1998, p. 179) atitude é uma manifestação social dos indivíduos distinguida por centrar-se, especialmente, tanto na língua, como no uso que se faz dela em sociedade. Por isso, este trabalho empenha-se em entender o real uso que a comunidade mundurukú do Kwatá-Laranjal faz e quer fazer da língua ou das línguas que representa(m) o mecanismo de comunicação/interação deste povo.

Para isso, também se considerou o referencial teórico de atitude proposto por Morales (1989); e Fernández (1998) em que há três componentes que formam a atitude: o cognitivo; o afetivo; e, o comportamental. É esta estrutura componencial, de formação da atitude linguística, que será analisada, levando em consideração o produto das informações dadas pelos informantes nas entrevistas e pela interpretação dos dados quantitativos apresentados pelos gráficos.

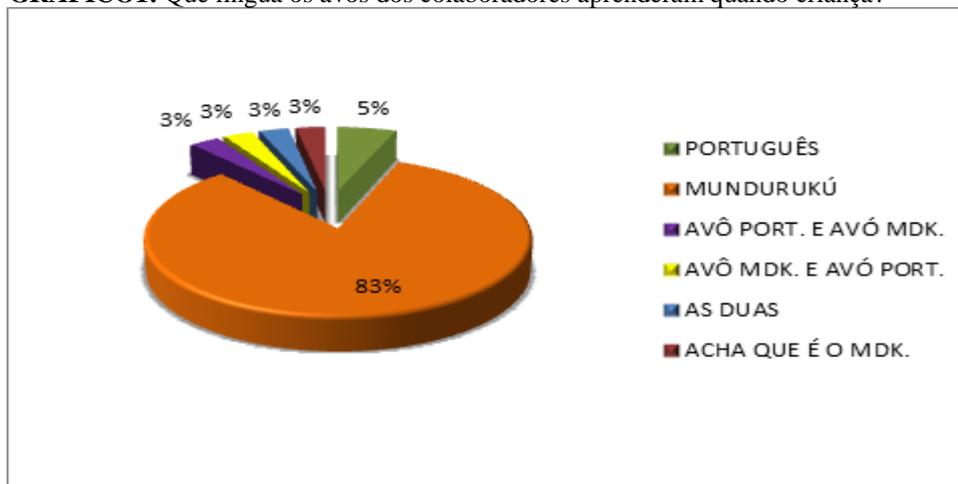
A análise das perguntas foi feita considerando uma possível cronologia de uso da língua nativa da comunidade de pesquisa. Das 42 perguntas realizadas nas

entrevistas, neste momento, foram analisadas 11, as quais possibilitaram uma observação mais quantitativa.

4.1 Pergunta relacionada à língua que os colaboradores, seus pais e avós aprenderam quando criança.

Foi perguntado aos 35 colaboradores “que língua seus avós haviam aprendido quando criança”, 29 disseram que seus avós teriam aprendido a língua mundurukú; dois disseram o português *Também o português, eles não falavam mundurukú.* (MDKC11); um declarou que apenas seu avô havia aprendido o mundurukú, pois sua avó não era indígena; outro disse que sua avó aprendeu o mundurukú *Meu avô era branco, minha avó era... ela fala mundurukú mesmo.* (MDKC9); mais um colaborador disse que seus avós haviam aprendido as duas *Mundurukú, fala as duas línguas.* (MDKC3); e, por fim, um disse que achava que seus avós haviam aprendido o mundurukú.

GRÁFICO1: Que língua os avós dos colaboradores aprenderam quando criança?



Fonte: Elaborado pelo autor.

No gráfico acima, há um colaborador com dúvida sobre a língua que seus avós haviam aprendido quando criança. Dentre o total, 6% declararam que seu avô, e, outro, sua avó, haviam aprendido a língua mundurukú, pois apenas estes eram indígenas. Nesta geração, já se encontram, nos depoimentos dos colaboradores, avós que aprenderam a língua portuguesa, representando 5%. Esse indicativo percentual mostra que já havia uso do português nesta comunidade, embora ainda grande o percentual (83%) de colaboradores que declararam que seus avós haviam aprendido a língua

mundurukú. Assim, por mais que a maioria dos entrevistados tenha declarado que seus avós aprenderam, quando criança, a língua mundurukú, também já se tem colaboradores informando que seus avós haviam aprendido o português.

Em Beleza (2002, p. 38) encontram-se explicações significativas do modo como a língua portuguesa adentra a comunidade fazendo com que mundurukú comece a perder força cultural, ou seja, o português começa a fazer parte da escolha de indivíduos para aprender a língua. O trecho abaixo se refere ao depoimento feito por dona Antônia, uma senhora com 72 anos, aproximadamente.

Naquela época o padre era o professor dos índios. Forem eles que ensinaram o português para os índios. Minha mãe falava, dizia dona Antônia, ainda me lembro bem, pra gente ter cuidado. Ela dizia que um dia os brancos iam chegar na aldeia e que iam nos ensinar a falar o português e a gente ia perder a linguagem. Quando isso acontecesse, a gente ia perder a cultura. Os filhos não iam mais respeitar os pais, os pais não iam mais respeitar os filhos, ninguém ia mais obedecer, tudo ia se acabar. É assim mesmo que tá acontecendo nos dias de hoje. Agora meu filho, diz dona Antônia, se referindo ao seu filho que estava na sala de aula (seu Agapito, 63 anos, que naquela época era vice-capitão da aldeia Kwatá), está preocupado com a linguagem. Quer aprender a falar a linguagem de novo. Mas quando eu chamava a atenção quando ele era pequeno, não queria me obedecer não. Não queria aprender a falar a linguagem, tinha vergonha. Agora táí. (BELEZA, 2002, p.38).

O uso da língua portuguesa parece ter sido iniciado na geração dos avós dos colaboradores da comunidade indígena mundurukú, e este fato é confirmado nas informações do gráfico acima, embora com um percentual pequeno. Nesse sentido, são os grupos sociais de maior prestígio e mais poderosos economicamente que determinam o padrão da atitude linguística das comunidades de fala. Desse modo, a língua portuguesa assume este papel, pois ela apresenta estas características de estratos sociais mais elevados, e por outro lado a língua mundurukú se apresenta com o contrário. Por conta disso, a atitude é geralmente positiva se os falantes tiverem maior prestígio e posição social elevada ou se a língua apresentar essas características (CALVET, 2002).

O fato de um falante aceitar ou não uma determinada língua como de prestígio ou como mais bonita é reflexo das crenças que se tem sobre a língua e isso influencia diretamente o futuro desta língua. Deixar de usar uma língua por considerá-la feia ou de difícil compreensão é fruto das crenças e atitudes linguísticas que são manifestadas nas relações sociais. “A atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística”, Aguilera (2008, p. 106).

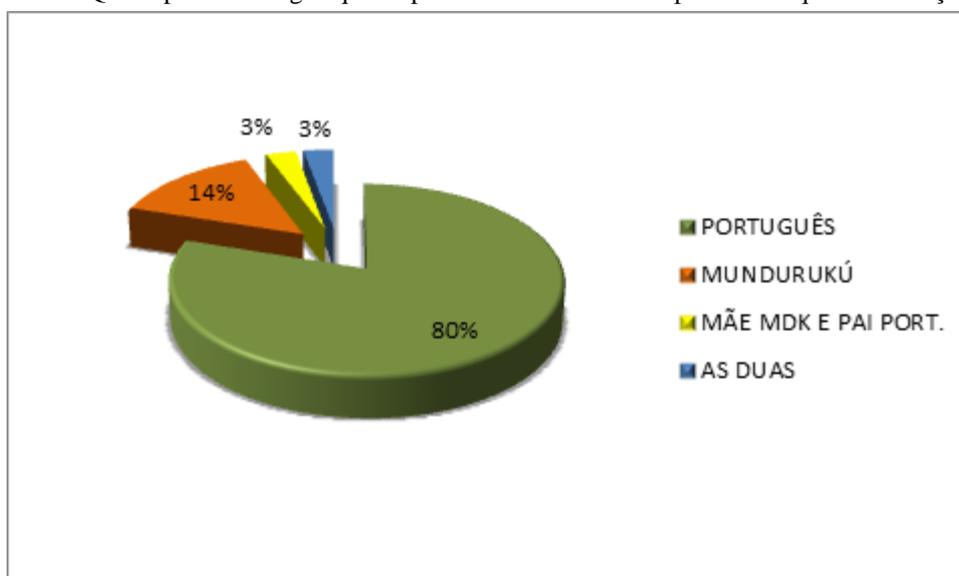
O português exerceu uma pressão social sobre a língua mundurukú e tal pressão continuou sendo exercida nas gerações seguintes a dos avós. Em depoimento, um colaborador afirma *Quando eu era pequeno, eu sempre via meus avós falar o português né, já o português... Porque eles foram proibidos de não falar a língua (mundurukú). Eu já me criei escutando o português né, só o português (MDKC25)*. Tal poder criou uma atitude negativa dos indivíduos da comunidade indígena do Kwatá-Laranjal com a sua própria língua e fez com que essa língua de menor prestígio fosse sendo substituída pela de maior.

A vergonha, o medo e o preconceito acentuam o desprestígio da língua mundurukú e este fato gera um comportamento de repúdio ao uso da língua. Esta foi a maneira que a comunidade reagiu diante da língua desde as gerações dos avós dos colaboradores, e este comportamento foi sendo acentuado nas gerações seguintes.

No gráfico abaixo, que demonstra a porcentagem de colaboradores, os quais responderam “que língua seus pais haviam aprendido quando criança” pode-se ter uma noção mais exata dessa gradativa mudança de uso da língua mundurukú para o português. A língua mundurukú ainda era a língua de comunicação e de identidade da comunidade indígena mundurukú do Kwatá na geração dos avós dos colaboradores, embora já se tenha um índice pequeno de indivíduos que estavam aprendendo o português, segundo relato dos colaboradores e das informações de Beleza (2002, p.38).

Por outro lado, a situação muda significativamente quando passamos a analisar a geração dos pais dos colaboradores. Observe o gráfico abaixo.

GRÁFICO 2:Qual a primeira língua que os pais dos colaboradores aprenderam quando criança?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Quando foi perguntado aos colaboradores “que língua seus pais haviam aprendido quando criança”, 28 disseram que seus pais haviam aprendido o português quando criança; 5, a língua mundurukú. Contudo, outros tipos de respostas apareceram, como: *Minha mãe falava um pouco mundurukú, mas meu pai fala português mesmo.* (MDKC9), tendo um colaborador afirmado isto; e, *Meus pais aprenderam as duas línguas.* (MDKC33), tendo um colaborador também. Convertendo este quantitativo em percentual temos respectivamente: 80% declarando que seus pais haviam aprendido o português; 14%, a língua mundurukú; 3% disseram que a mãe aprendera o mundurukú e o pai o português; e por fim, 3% as duas línguas.

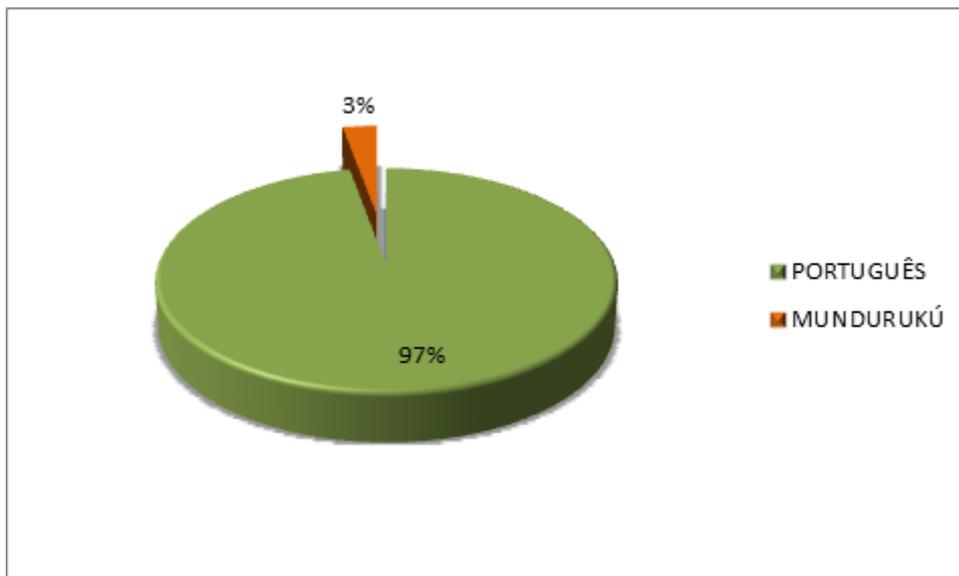
(01) *Quando criança meu pai aprendeu o português também bem pouco o mundurukú também né?... que já não existia aprendeu bem pouco.*(MDKC12)

(02) *Português.* (MDKC2)

(03) *Muitos deles falavam linguagem mundurukú aí o tempo que assim nossa avó que ensinava pra ele, ela faleceu aí eles esqueceram aí. Já foram ensinando a gente a falar o português.* (MDKC20)

A maioria das respostas dos colaboradores eram bastante diretas e curtas como no exemplo (3). A palavra *também*, neste contexto funciona como um elemento anafórico da resposta anterior que na sequência das perguntas do questionário seria “que língua os colaboradores haviam aprendido quando criança?”. Quando respondiam que haviam aprendido o português, automaticamente, na resposta da pergunta subsequente, utilizavam tal palavra se a resposta fosse a mesma da anterior. Poucos colaboradores explicavam suas respostas e isso acontecia geralmente em perguntas que os exigia respostas simples como sim ou não. Porém, na resposta do exemplo (4) o informante faz uma pequena explicação do porque que seu pai havia aprendido, quando criança, a língua mundurukú e ressalta porque na geração dos pais dos colaboradores a comunidade já não usava mais o português como língua de comunicação.

Esse panorama de irregularidades dos usos linguísticos é bastante evidenciado nas informações da segunda geração dadas pelos colaboradores sobre a primeira língua aprendida e isso se confirma observando os dados do gráfico abaixo referente às informações quantitativas das respostas sobre que língua os colaboradores haviam aprendido quando criança.

GRÁFICO3:Qual a primeira língua que você aprendeu quando criança?

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quando os colaboradores foram perguntados “que língua havia aprendido quando criança”, 34 colaboradores responderam que haviam aprendido o português e apenas um disse ter aprendido a língua mundurukú. Em percentual temos 97% dos que afirmaram ter aprendido o português quando criança e 3%, disseram ter aprendido o mundurukú. Em depoimento, o informante (**MDKC35**) ratifica a estatística acima:

(04) A primeira língua que eu aprendi quando criança foi o português. (MDKC16)

(05) Quando eu nasci meus pais já falavam o português. Só falo o português. (MDKC6)

(06) A primeira língua que eu aprendi foi o português né? Já quando a gente começou entendi a língua mundurucu já não... Existia, mas bem pouco a gente aprendeu logo o português. (MDKC12)

(07) Quando eu era pequeno eu sempre via meus avós falar o português né, já o português... Porque eles foram proibidos de não falar a língua. Eu já me criei escutando o português né, só o português. (MDKC26)

(08) A primeira língua mesmo, eu falava mundurukú. Só quando passei a falar o português, eu tinha raiva do meu avô que falava comigo eu mordida ele é que eu não queria aprender mais aquilo ai pra mim, às vezes eu fico lembrando quando eu estou ai fico lembrando o aquilo era pra mim ter aprendido lá e hoje faz falta pra mim. (MDKC35)

(09) *Português, porque quando eu nasci meus pais já falavam português. (MDKC29)*

No depoimento (08) é nítida a atitude negativa manifestada pelo colaborador quando explica a língua que havia aprendido quando criança. Afirma que tinha raiva de seu avô que falava em mundurukú com ele. Parece apresentar uma verdadeira recusa sobre a língua mundurukú, embora no final de seu depoimento já apresente consciência em aprender sua língua de cultura. Aqui, vemos uma mudança de atitude no sentido, inicialmente de rejeição e posteriormente, de aceitabilidade de aprender a língua mundurukú como forma de resgate de identidade.

A diferença daqueles que aprenderam o português para os que aprenderam o mundurukú é muito grande e é produto de aspectos históricos. Houve uma mudança brusca ocorrida nas gerações anteriores, em que o número de indivíduos que já haviam aprendido o português na geração dos pais dos colaboradores era maior dos que haviam aprendido o mundurukú. Este fato se confirma na geração dos colaboradores, onde há a predominância total dos que aprenderam o português ao invés do mundurukú. Apesar do domínio majoritário do português, os colaboradores parecem ter consciência da importância de reaver a língua mundurukú como elemento de sua identidade.

O gráfico acima parece mostrar uma inversão de uso linguístico, ou seja, a substituição do mundurukú pelo português. Dentro de estudos sobre comportamentos sociais pode-se afirmar que a atitude de apreço tomada pela comunidade do Kwatá-Laranjal sobre a língua portuguesa, elegendo-a como a língua de comunicação diária, e por outro lado, desenvolvendo sentimento de rejeição, como no depoimento (10) acima, em relação à língua mundurukú, o que pode ter determinado a mudança linguística que ocorreu dentro desta comunidade. Nesse sentido, vê-se a presença de juízos de valores agregados aos sentimentos do falante quanto às línguas portuguesa e mundurukú. Sentimentos estes que podem ser positivos ou negativos manifestados (GÓMEZ MOLINA, 1996 *apud* AGUILERA, 2008, p. 106). Segundo a autora (*op. cit.*)

“o componente afetivo, por sua vez, está alicerçado em juízos de valor (estima-ódio) acerca das características da fala: variedade dialetal, acento; da associação com traços de identidade; etnicidade, lealdade, valor simbólico, orgulho; e do sentimento de solidariedade com o grupo a quem pertence [...]”

4.2 Pergunta relacionada ao fato de os informantes escutar seus avós falarem com seus pais na língua mundurukú.

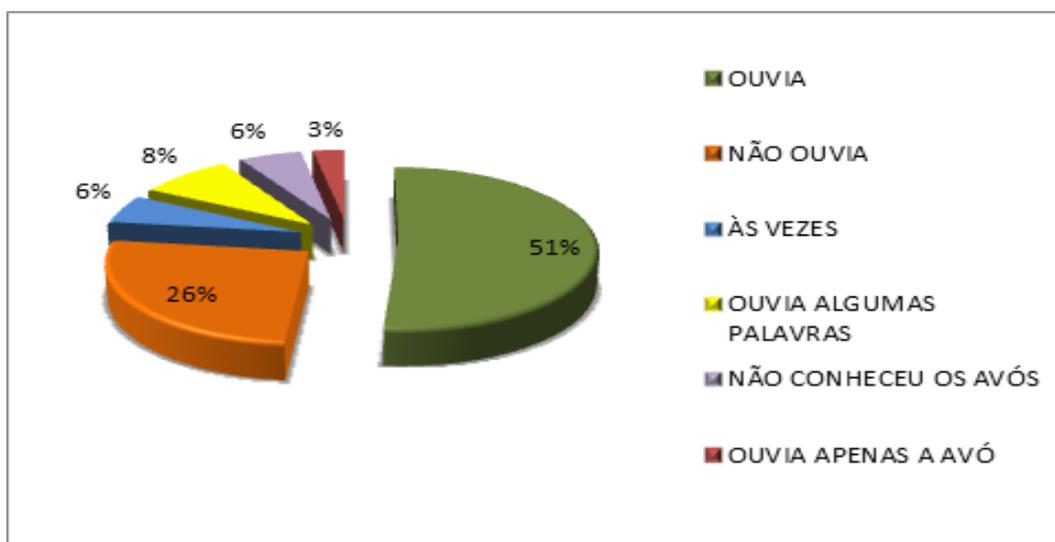
Quando os informantes foram perguntados se “escutavam seus avós falarem com seus pais em língua mundurukú”, 18 disseram que ouviam; nove responderam que não ouviam; três informantes responderam que ouviam algumas palavras; dois responderam que ouviam às vezes; dois disseram que não conheceram seus avós; e por fim, um disse que ouvia apenas a avó.

(10) A minha avó, eu sempre ouvia ela falar, né. Ela sempre fala e ensinava a gente e a gente procurava aprender né, por isso a gente tem algumas palavras soltas né, algumas frases também a gente ainda fala. (MDKC27)

(11) Eu até ainda estudei com ele um tempo né?... Mas só que infelizmente ele morreu faleceu chegou a falecer ainda depois a gente não teve mais esse avanço de estudo com ele. (MDKC15)

Apesar de a maioria dos informantes afirmarem que escutavam seus avós falar com seus pais na língua mundurukú, nesta descrição, parece não ter havido a transmissão linguística da geração dos avós para a geração dos pais dos informantes, ou se aconteceu, não foi suficiente e este fato acabou prejudicando a manutenção da língua mundurukú. Em percentual temos 51% afirmando que escutavam, 26%, dizendo não ter ouvido, 8% algumas palavras, 6% às vezes, 6% não conheceram seus avós, portanto não puderam informar, e 3% escutavam apenas a avó.

GRÁFICO4: Você escutava seus avós falarem com seus pais na língua mundurukú?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Considerando os relatos acima, entende-se que além da maioria dos colaboradores terem escutado seus avós falarem, em alguns momentos, com seus pais em língua mundurukú, os colaboradores também afirmam que aprendiam muitas vezes com seus avós a língua nativa⁹, como demonstra o depoimento (12) e (13). O processo de transmissão linguística é um fenômeno natural entre as línguas, no entanto, isso sofreu um travamento em relação à língua mundurukú da comunidade do Kwatá-Laranjal, pois tal língua não foi aprendida pela geração dos colaboradores desta pesquisa.

Também fica evidenciado nas entrevistas que muitos não permitiam que a geração dos colaboradores aprendesse a língua mundurukú, mesmo muitos afirmando que escutavam. Esse comportamento linguístico, que inicia com as gerações dos avós, sofre um aumento gradativo nas gerações seguintes e é reflexo de uma atitude negativa presente nos comportamentos de indivíduos da comunidade mundurukú. No relato abaixo, parece ser até contraditório, mas este informante afirma que ouvia seus avós falarem com seus pais na língua mundurukú, mas não fica evidente quem os impede de aprender a língua nativa. Embora tenhamos informante afirmando que escutava e tinha aprendido a língua mundurukú por conta do ensino de seus avós, o depoimento abaixo

⁹Nos relatos de alguns informantes observam-se afirmações relativas a aprendizagens de língua mundurukú na infância, embora não se consiga precisar exatamente em que idade isso aconteceu ou se realmente aprenderam a língua mundurukú.

mostra uma relação contrária, ou seja, o informante escutava mais era proibido de aprender a língua nativa.

(12) *“Bom, a gente ouvia, mas eles não permitiam que a gente aprendesse também”.*
(MDKC9)

Em geral, a percepção dos colaboradores é que sua língua de cultura começou a perder força na geração dos pais. Assim todos apresentam certa consciência sobre a língua, ou seja, os indivíduos forjam atitudes porque tem consciência de uma série de situações sociolinguísticas que os afetam (FERNÁNDEZ, 1998). Assim brota o interesse de revitalizar a língua mundurukú como produto de uma consciência que consideram imprescindível o resgate cultural da comunidade do Kwatá-Laranjal a partir da língua mundurukú.

4.3 Pergunta relacionada à língua que frequentemente usam para falar em casa com as crianças e os adultos.

Quando os informantes foram perguntados “que língua usam para falar com as crianças na aldeia”, 32 disseram que usam o português; dois informantes responderam mais a língua português; e, apenas um disse que usa as duas. Interessante observar que apareceram respostas bem curiosas como relacionadas a esta questão, pois uma quantidade pequena de colaboradores afirmaram que usavam mais o português, dessa forma num sentido lógico, usavam mesmo a língua mundurukú, pelo fato de não conhecerem. O sentimento de resgate da língua mundurukú motiva os colaboradores em dizer e querer usar a língua nativa, mesmo que seja de forma mínima na comunidade. Os professores deste programa de formação afirmaram que já haviam participado de outras experiências de ensino-aprendizagem da língua mundurukú e isso acaba fazendo com que eles sintam a responsabilidade de usar o pouco da língua indígena que afirmam saber. Ratifica-se esta observação nos depoimentos abaixo.

(13) *Hoje em dia é o português.* (MDKC6)

(14) *Só o português mesmo, frequentemente. Diariamente, algumas vezes. Porque a gente não tem o domínio da língua mundurukú, então a gente tá tentando revitalizar, buscar aquilo que é nosso, né. Então algumas coisas que a gente tem o conhecimento a gente repassa à família. Na escola, já é diferente, a gente aplica aquilo que a gente*

aprende no estudo, por exemplo, os conhecimentos que aprendemos dos parentes a gente repassa pros filhos e na escola. (MDKC5)

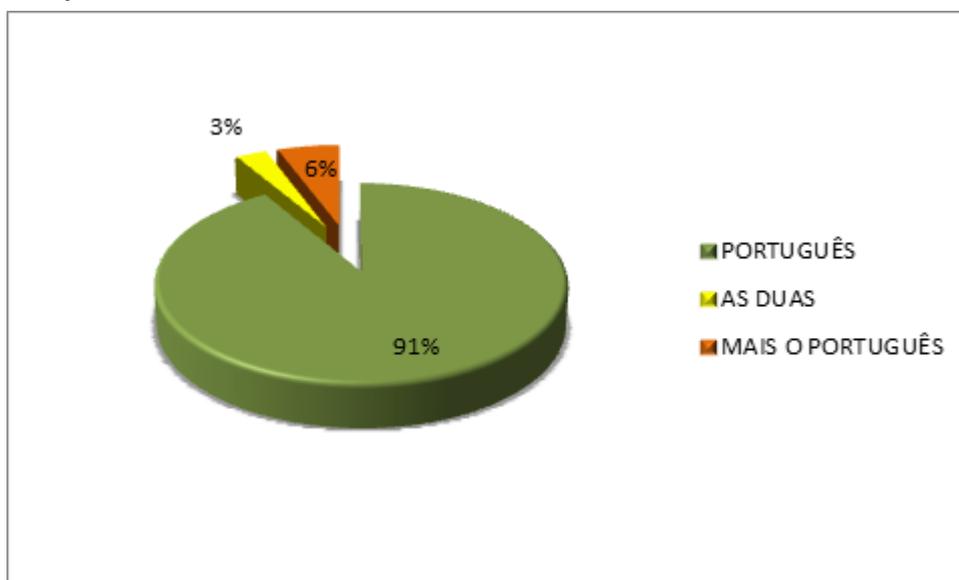
(15) Eu uso o português. (MDKC16)

(16) Agora no momento eu tô misturando o mundurukú com o português, mas antes era só o português. Agora entendem. (MDKC19)

(17) Atualmente a língua portuguesa, né. (MDKC11)

(18) Língua portuguesa. Porque já não tem mais o costume de falar assim... O mundurukú. Mas eu entendo o que fala eu entendo as palavras não todas, mas algumas. (MDKC14)

GRÁFICO 5: Que língua você usa mais frequentemente em casa para falar com as crianças?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Mesmo não tendo ninguém afirmado que usa a língua mundurukú em casa para falar com as crianças; mesmo todos afirmando que usam apenas o português, no complemento de suas respostas já aparece um indicativo de interesse em usar a língua nativa. Nesse sentido, começa aparecer uma atitude positiva em relação ao um possível uso da língua mundurukú, num futuro, com as crianças no ambiente familiar. Na verdade, afirmam que não usam o mundurukú porque não aprenderam quando criança, mas, na medida em que puderem aprender, querem usar em casa com os mais novos.

(19) Recentemente a gente fala o português né, porque é a língua mais de fala, mas daqui pra li a gente usa em alguns momentos né, fala pra criança palavras soltas, né

pra ir introduzindo também... Palavra nome de fruta, animal, objetos né, vai ali, vem cá... Vai buscar o café, vai encher água... Mais ou menos assim. (MDKC26)

O interesse em usar a língua mundurukú em casa com as crianças demonstra mudança de atitude adota pelos informantes no sentido de, neste momento, desejarem ensinar a língua mundurukú, mesmo que de forma precária, pois ainda não dominam suficientemente a língua nativa para realizarem atividades de ensino. O componente afetivo, parte integrante da atitude linguística, aparece evidenciado neste momento, pois no depoimento (22) é observada a preferência de uso que alguns colaboradores desejam da língua mundurukú. O futuro da língua mundurukú, desejado por eles, é que aprendam a língua mundurukú, para que possa ser ensinada às crianças.

Por outro lado, a realidade demonstrada pelo gráfico, é que apesar de terem grande interesse em ensinar o mundurukú, os informantes que não usam a língua nativa com as crianças, apesar de tentarem. A razão para isso acontecer é lógica, pois os informantes desta pesquisa dizem ter aprendido como primeira língua o português e certamente é a única língua que eles dominam, deste modo, a comunicação com as crianças acontece apenas na língua portuguesa, a língua eleita como a de prestígio. No entanto, a maioria dos informantes declara conhecer várias palavras mundurukú, especialmente nomes de animais, plantas, saudações etc. Este fenômeno aparece entre as gerações dos pais com os colaboradores das entrevistas, é o que demonstra os dados da pesquisa.

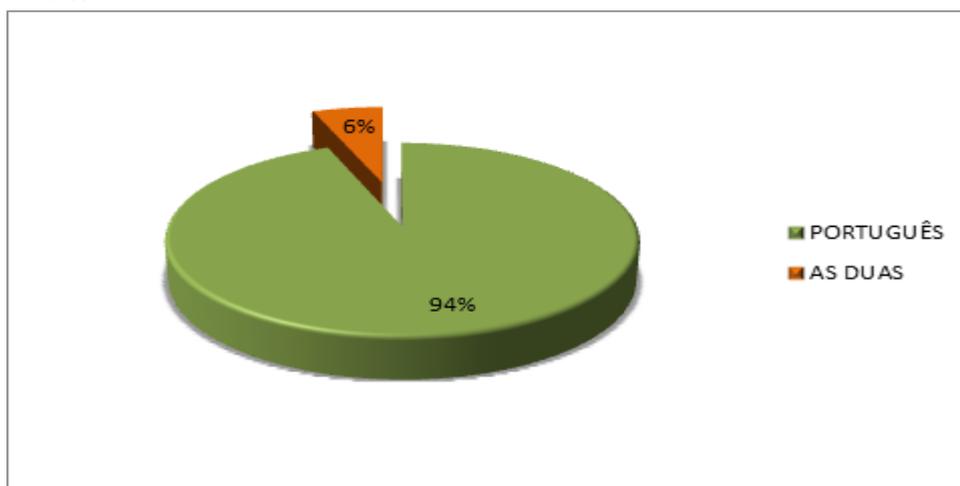
Franchetto (2008) descreve muito bem o processo comum que ocasiona a mudança de uso de uma língua para outra, o qual ela chama de ruptura geracional. Este mesmo fenômeno parece ter ocorrido com a língua mundurukú da comunidade do Kwatá-Laranjal, pois a língua que era falada pelos avós dos colaboradores era o mundurukú. Na geração dos pais dos colaboradores parece haver um bilinguismo, ou seja, os pais usavam a língua mundurukú e o português, e por fim, na geração dos colaboradores a mudança se concretiza, pois nesta última geração o português é a língua aprendida.

Os mais velhos, muitos dos quais monolíngües, utilizavam a língua indígena integralmente; seus filhos, bilíngües, comunicavam-se com os pais na língua materna e com os filhos em português; estes, mesmo que ainda pudessem entender seus avós, expressavam-se exclusivamente usando o português.” (FRANCHETTO, 2008 p 34).

Comunicar-se em português não é uma escolha dos indivíduos da comunidade indígena do Kwatá-Laranjal, mas uma necessidade interacional que foi consequência do comportamento e do sentimento que as gerações anteriores desenvolveram perante a língua mundurukú. A atitude desfavorável, ou negativa, manifestada em relação à língua mundurukú impediu a transmissão linguística para as gerações posteriores aos avós dos informantes. Segundo Fernández (1998, p. 179):

Uma atitude favorável ou positiva pode fazer que a mudança linguística se cumpra mais rapidamente em certos contextos em que predomine o uso de uma em detrimento de outra, que o ensino/aprendizagem de uma língua se faz mais eficaz, que certas variantes linguísticas se confinem em contextos menos formais e outra predomine em estilos cuidadosos. (FERNÁNDEZ 1998, p. 179).

GRÁFICO 6: Que língua você usava mais frequentemente em casa para falar com adultos?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação à língua que os informantes usam frequentemente para falar com os adultos em casa, 33 disseram que usam o português e dois responderam que usam as duas na comunicação com os adultos. Quando os informantes afirmam usar as duas línguas, a princípio parece dominarem a língua mundurukú para usá-la, mas neste contexto é bom frisar que quando respondem que usam as duas para falar com os adultos, são usos restritos como palavras de saudações, nomes de animais e coisas. Nos depoimentos os informantes explicam que quando usam o mundurukú são com palavras de saudação, nomes de animais, etc. Assim, o uso de palavras em contextos restritos e

de pouca ocorrência não representam uso efetivo da língua da língua nativa e isso também, e eles sabem disso, não determina o resgata do mundurukú.

Novamente se encontra diferença significativa nos quantitativos desse gráfico, pois 94% afirmando que usam a língua portuguesa para se comunicarem com os adultos em casa contra 6% afirmando que usam as duas. O fato de que os informantes não usam mais ou nunca usaram a língua mundurukú para se comunicar com outros adultos, em casa ou na comunidade é resultado da falta de aprendizagem, quando criança, ou seja, de uma ruptura geracional¹⁰.

Embora se tenha 6% afirmando que usam a língua mundurukú e o português para se comunicar em casa com os adultos, a língua materna desses indivíduos é o português, como mostra os dados da pergunta que língua aprendeu quando criança? Os depoimentos baixos confirmam isso.

(20) Só também o português, né. Porque a gente tem como se fosse a primeira língua, porque ninguém tem o domínio de nosso idioma, né. (MDKC5)

(21) O português também. Porque eles dominam mais. (MDKC20)

(22) Português também, só a minha avó que falava ainda fala comigo e algumas palavras eu entendo. (MDKC33)

Tudo isso representa a possível perda de identidade linguística desta comunidade justamente por conta do modo como agem sobre a língua, pois de acordo com as informações da entrevista, os informantes não falam sua língua nativa e, por isso, não podem ensinar a seus filhos em casa. Na sua maioria, não usa para falar com as crianças; não usa para se comunicarem com os adultos, ou seja, a língua mundurukú não pode ser usada para estes fins porque não foi aprendida por esta geração. As informações quantitativas dos gráficos anteriores confirmam isso e mostram que há uma necessidade de se revitalizar a língua mundurukú, pois, a partir destas informações sociolinguísticas, ela está em perigo iminente.

¹⁰Cf. Franchetto, 2008.

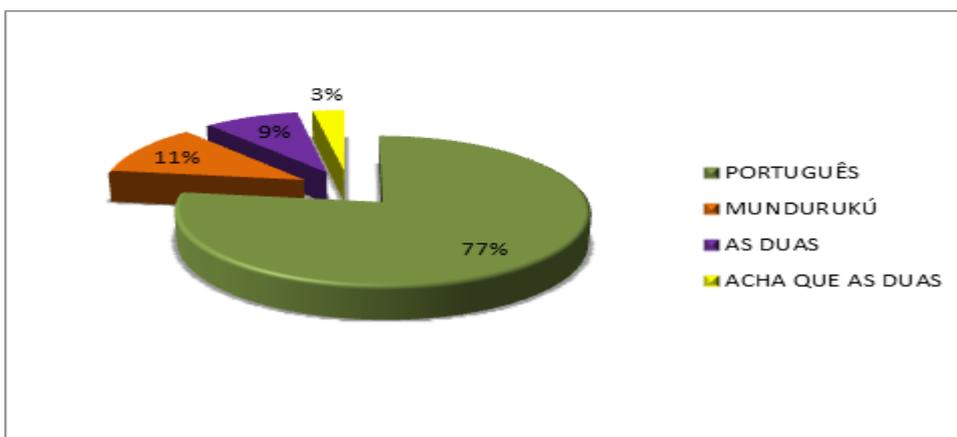
4.4 Perguntas relacionadas à língua que preferem para ler, escrever e alfabetizar seus filhos.

Quando os informantes foram perguntados “que língua você prefere para ler?”, 27 responderam que preferem ler na língua portuguesa; quatro responderam na língua mundurukú; três nas duas línguas; e, dois informantes disseram que acham que preferem ler nas duas. Embora os colaboradores já tenham tido experiências de aprendizagem em língua mundurukú e, agora estão novamente tendo com o programa de formação da UFAM, o gráfico abaixo mostra o percentual ainda alto de 77% dos informantes respondendo que preferem a língua portuguesa para as atividades de leitura. Em contra partida apenas 11% dizem preferir o mundurukú, embora saibamos que tais informantes não consigam efetivamente realizar leituras na língua mundurukú. Dizendo que preferem as duas línguas, temos 9%, e 3% que acham que preferem as duas.

O objetivo de saber que línguas preferem para ler, escrever e alfabetizar seus filhos é entender que atitude apresentam com relação língua mundurukú e o português nestas atividades e qual é a consequência desta formação para o desejo de resgate da língua indígena, mesmo que já tenham tido experiências de aprendizagem nesta língua e ainda estão tendo atualmente. Nesse sentido, o desejo se contrapõe ao comportamento que manifestam em relação à língua mundurukú.

O fato de não dominarem a língua mundurukú, mesmo com experiências de aprendizagem nesta, acaba gerando dúvidas e incertezas em responder se usam definitivamente a português ou se usam mais o português, deixando subentendido que o mundurukú também é usado mesmo de forma mínima, ou até que gostariam de usar. As experiências que os colaboradores afirmaram ter tido na língua mundurukú é resultados de projetos que foram aplicados na comunidade indígena, dos quais está o Kabia'ra que foi desenvolvido entre os anos de 1999 e 2002 (PICANÇO, 2012b).

GRÁFICO 7: Que língua você prefere para ler?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Neste contexto, há certa confusão nas respostas referidas a esta pergunta, pois há muitas dificuldades de se usar a ortografia da língua mundurukú, embora já se tenha gramáticas confeccionadas, como a *Gramática Mundurukú* de Marjorie Crofts (1966). Ainda que a proposta ortográfica de Marjorie Crofts para o Mundurukú já esteja em uso há várias décadas, sua padronização ainda está longe de ser alcançada (PICANÇO 2012a).

Verificou-se que parte do problema deve-se à falta de conhecimento, tanto de usuários quanto de instrutores, das regras que regem o alfabeto Mundurukú. Há uma explicação: nenhum dos materiais consultados para a preparação deste trabalho discute claramente as regras ortográficas da língua; cartilhas de alfabetização, livros de leitura, gramáticas e outras publicações limitam-se, geralmente, a apresentar a chamada *chave de pronúncia* (instruções para o estabelecimento da relação som/letra), tomando o português como referência, apesar de as duas línguas terem várias diferenças (PICANÇO, 2012b, p. 38).

Neste sentido, há grande necessidade de se padronizar a ortografia para esta língua, já que há interesse em usar a língua mundurukú para as atividades de leitura e escrita. Há muitos fatores que determinam a não padronização da ortografia mundurukú, tanto no Pará quanto no Amazonas, e um deles é a constante mudança feita na proposta ortográfica já estabelecida pela língua (PICANÇO, 2012a).

Citada logo acima, a professora Crofts foi grande colaboradora dos estudos da língua mundurukú na confecção de gramáticas para o estudo desta língua tupi. Há também, diversas cartilhas confeccionadas pela comunidade mundurukú em formações continuadas na comunidade. Mesmo assim, há muito a ser feito para que os indivíduos desta comunidade realizem atividades de leitura e escrita na língua mundurukú.

Com a manifestação do desejo de usar a língua mundurukú para leitura, os informantes acabam criando um sentimento favorável à língua mundurukú, um desejo de aceitação, motivado pela aspiração de aprender a língua que está se perdendo. Em depoimentos, os indivíduos optam por fazer a leitura nas duas línguas, fato que possivelmente pode contribuir possivelmente para o resgate da língua mundurukú nesta comunidade. Também afirmam que para eles o português ainda é a língua mais fácil de usar para as atividades de leitura, motivo pelo qual foi a língua em que foram alfabetizados.

(23) *No momento é o português, mas futuramente a gente tá querendo o mundurukú mesmo. (MDKC25)*

(24) *Os dois, agora que eu tô tentando buscar tanto o português, que é a primeira da gente, né, e a segunda que é a língua indígena, a mundurukú. (MDKC7)*

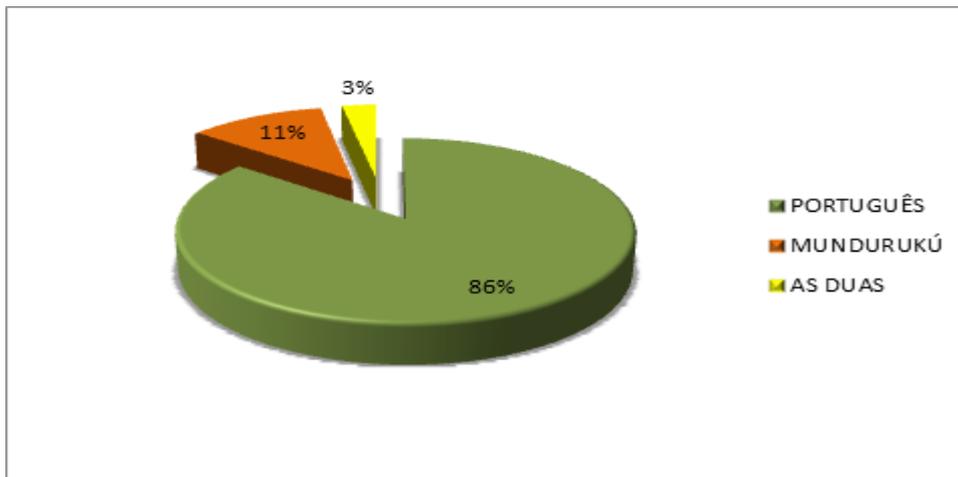
(25) *Acho que agora as duas. (MDKC20)*

(26) *Pra mim o fácil é o português mesmo. (MDKC9)*

(27) *Agora, a gente... A gente sempre tá no português né. Porque a gente não tem a escrita, ortografia nossa. (MDKC26)*

(28) *Bem, na verdade agora que eu estou fazendo a faculdade, eu estou me esforçando ao máximo por causa que eu tenho muita dificuldade no português... É o português que eu quero aprender e não esquecendo da linguagem mundurukú, da nossa escrita... Nada faz com que isso se perca, mas em primeiro lugar o português. (MDKC17)*

Perguntamos, também, aos informantes “que língua eles preferem para escrever?”. 30 disseram que preferem o português; quatro disseram a língua mundurukú; e, apenas um informante disse as duas línguas. A escolha, daqueles que preferem a língua portuguesa, é obviamente determinada pelo domínio que estes informantes têm desta língua. Ou melhor, o percentual de 86% daqueles que dominam o português e o preferem para escrever representa os indivíduos que não aprenderam a língua de cultura e aprenderam, quando criança, o português.

GRÁFICO 8: Que língua você prefere para escrever?

Fonte: Elaborado pelo autor.

- (29) *Português, mas a gente quer aprender o mundurukú, também. (MDKC1)*
- (30) *A mesma coisa né... Eu prefiro... Se fosse pra mim escolher, também escolheria o mundurukú porque eu acho que é a cultura que não devo perder, mas infelizmente eu uso o português pra escrever pra ler. (MDKC16)*
- (31) *Depois dessa preparação eu vou querer as duas né. O português quando a gente precisa pra fazer um documento, pra liderança, pro conselho local né que existe em nossa aldeia, e pra gente mesmo. Segundo o mundurukú né. (MDKC31)*
- (32) *Prefiro escrever em mundurukú, e sabendo o português também. Eu já sei o português agora que aprender o mundurukú. (MDKC29)*
- (33) *Eu prefiro a letra da minha linguagem também (mundurukú). (MDKC30)*

Tanto a produção como a leitura da língua portuguesa são atividades que os informantes afirmam dominar, no entanto, assim como na questão “que língua você prefere para ler?”, eles declaram também que se soubessem a língua mundurukú gostariam de escrever. Na verdade, o que parece acontecer é que os colaboradores apresentam um conhecimento mínimo sobre a língua mundurukú. Provavelmente não são proficientes em leitura e escrita, e, portanto, não praticam estas atividades. Nos depoimentos só aparecem o desejo que manifestam em ler ou escrever, mas não é especificado o que eles leem ou escrevem na língua indígena. Quanto ao português,

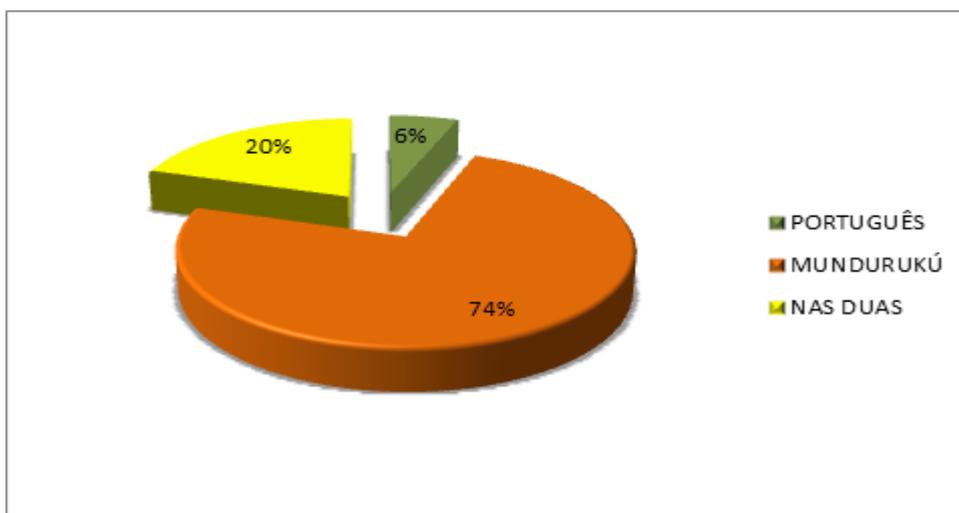
língua ensinada na escola, todos os informantes usam para as atividades de leitura e escrita, pois foi a língua a qual foram alfabetizados.

Nas questões de leitura e escrita parece haver certa tendência ao comportamento bilíngue manifestada pelos colaboradores. Nesse sentido, considerando a situação atual da língua mundurukú, o bilinguismo seria o ideal para esta comunidade, pois o uso das duas línguas beneficiaria o fortalecimento cultural e social desta comunidade.

Nos depoimentos acima, fica muito evidente este desejo de ler e escrever na língua mundurukú. Alguns colaboradores ainda afirmam que no futuro pretendem ler e escrever no mundurukú por conta das aulas da formação. Mesmo tendo consciência de que não podem ler nem escrever na língua de herança, os informantes deixam nítido o sentimento positivo para aprender a língua mundurukú, sem deixar de lado o português.

Seguindo esta área de interesse, mas com outra questão a ser analisada, perguntamos aos informantes “em que língua gostariam que seus filhos fossem alfabetizados?”. 26 disseram que gostariam que seus filhos fossem alfabetizados na língua mundurukú, o que representa um percentual de 74%; sete informantes responderam que gostariam que fossem alfabetizados na língua portuguesa e mundurukú, o que representa o percentual de 20%; e, dois responderam que gostariam que seus filhos fossem alfabetizados na língua portuguesa, com percentual de 6% dos informantes da pesquisa.

GRÁFICO 9: Em que língua você gostaria que seus filhos fossem alfabetizados?



Fonte: Elaborado pelo autor.

O aparecimento de um percentual tão expressivo: 74% de informantes que preferem o português para ler, se justifica pelo fato da comunidade mundurukú do Amazonas, aqui representada pela amostragem dos colaboradores, não usar mais sua língua de herança. Contudo, entendemos que nas suas respostas já se manifesta grande interesse em voltar a usar a língua mundurukú em suas atividades de letramento. Mesmo não sabendo mais a língua mundurukú, os jovens no programa de formação oferecido pela Universidade Federal do Amazonas, também colaboradores de nossa pesquisa, parecem ter desenvolvido um desejo maior em ler e escrever em sua língua nativa, objetivando, num futuro mais próximo, a retomada de uso de sua língua de forma completa. Nos depoimentos abaixo fica evidenciado o desejo de retomar a língua a partir da escola, embora a responsabilização de realização deste desejo seja delegada à escola e às crianças.

(34) *Mundurukú, porque isso é muito importante pra nós. Porque, hoje a língua tá se perdendo e muita gente não tá andando valos e a gente tem que aprender pra ensinar pros nossos filhos. (MDKC4)*

(35) *Na língua mundurukú. Porque eu vejo que é uma coisa muito importante. Porque hoje eu percebo que os meus próprios filhos... Eu vejo que a língua portuguesa pra nós ela está emprestada, ela é oficial sim, mas eu desejo que meus filhos sejam alfabetizados na língua mundurukú mesmo. (MDKC5)*

(36) *Eu tenho muita vontade dos meus filhos ser assim alfabetizados na língua mundurukú, mas a gente sente uma grande dificuldade da gente não ter o domínio da língua materna pra ensinar as crianças, e o que a gente acha mais fácil é o português. (MDKC7)*

(37) *Agora no tempo atual mundurukú e português. Bom, mundurukú é porque é da cultura... É muito importante agora pra se comunicar, identificar, e o português que é pra se comunicar com o branco, é... Pra... Entender o que eles querem repassar pra gente. (MDKC7)*

A atitude de usar a língua para as atividades de leitura e escrita na escola com as crianças pode ser um fator de resgate da língua e isso deve partir daqueles que participam dos processos educacionais e que estão realmente dispostos a fazer o possível para que a sua língua seja instrumento de comunicação em todas as comunidades.

O desejo expresso dos falantes de alfabetizar seus filhos em língua mundurukú e a atitude de não usar o mundurukú, ou preferir usar a língua portuguesa para as atividades de leitura e escrita, demonstra que o uso que fazem da língua mundurukú, ou o não uso, é diferente daquilo que desejam para seus filhos. Surge, assim, a necessidade de se explicar tal tipo de atitude, considerando o componente afetivo, em que urge o desejo de uso da língua mundurukú a partir das crianças da comunidade e o orgulho de se restaurar a identidade mundurukú pela língua. Outro componente observável é o comportamental.

A reação de comportamento da comunidade do Kwatá-Laranjal em relação à língua mundurukú foi a de não transmitir os conhecimentos linguísticos às gerações mais jovens, e que gerou perda na cultura e na identidade desta comunidade. O fato de os colaboradores afirmarem que preferem ler e escrever em português parece representar uma realidade de uso da língua que realmente dominam, ou seja, as respostas destas duas questões sobre preferência de ler e escrever diz respeito à língua que dominam para realizar estas atividades.

Os colaboradores não aprenderam a língua mundurukú, mas, em depoimento, querem que seus filhos sejam alfabetizados nessa língua. Assim, a responsabilidade de ensinar as crianças passa a ser da escola e não da família. É compreensível tal inversão de papéis, pois a geração dos pais dos colaboradores não assumiu a responsabilidade de ensinar a língua de cultura, causando uma ruptura geracional da língua.

A conduta expressa neste contexto e o desejo não se apresentam no mesmo nível de interesse, ou seja, o componente afetivo é diferente do componente comportamental, pois, embora não tenham aprendido a língua mundurukú, os colaboradores desejam, em sua maioria, que seus filhos sejam alfabetizados nessa língua. O componente afetivo da atitude se manifesta quando os colaboradores anseiam, desejam, clamam para que seus filhos aprendam a língua, delegando grandes responsabilidades a esta geração. Surge assim também, um comportamento de aceitação da língua mundurukú.

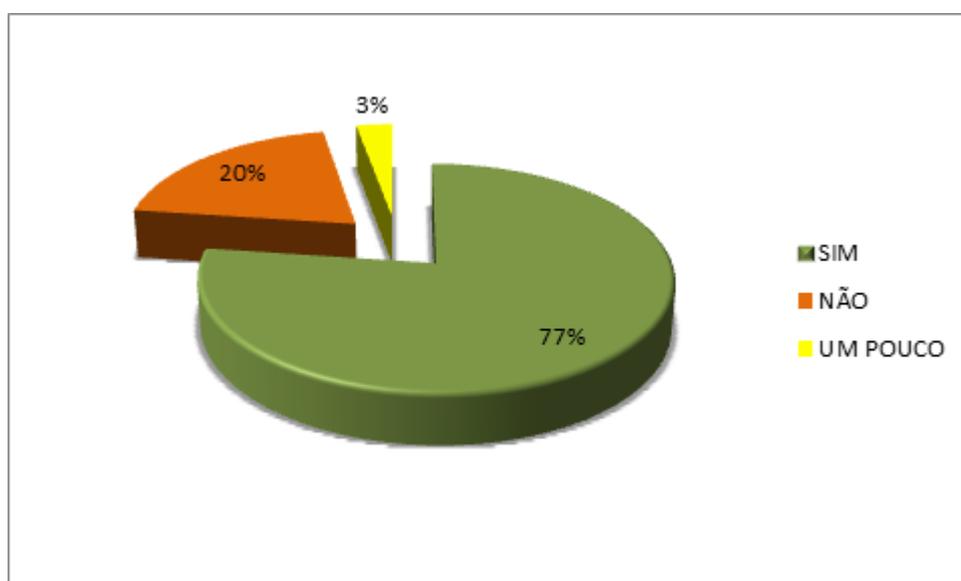
Embora a maioria dos colaboradores manifeste o desejo de revitalizar a língua mundurukú e que isso pode ter início na escola com a alfabetização das crianças na língua indígena, ainda há indivíduo afirmando que gostaria que seus filhos fossem alfabetizados na língua portuguesa. Parecem-nos bastante contraditórias as informações que o gráfico apresenta, embora saibamos que elas são produtos das entrevistas e foram colhidas de forma criteriosa. Elas apresentam as ideias e os anseios de um povo que

procura a autoafirmação de sua cultura com o resgate de sua língua, mesmo que apresentem atitudes variadas em relação à língua mundurukú.

4.5 Pergunta relacionada a algum tipo de experiência de aprendizagem em língua mundurukú.

Procurando entender históricos de ensino-aprendizagem na língua nativa, os entrevistados foram perguntados se já haviam tido “algum tipo de experiência de aprendizagem na língua Mundurukú?”. 27 informantes disseram ter tido experiência de aprendizagem na língua Mundurukú, o que representa um percentual de 77%. Por outro lado, sete informantes declararam que nunca tiveram anteriormente algum tipo de experiência em ensino na língua Mundurukú, neste caso o que representa um percentual de 20%. E por fim, um informante declarou que teve um pouco de experiência, representando 3%. No gráfico abaixo visualizamos este percentual.

GRÁFICO 10: Você já teve algum tipo de experiência de aprendizagem em língua mundurukú?



Fonte: Elaborado pelo autor.

É interessante, na análise deste gráfico, que toda e qualquer experiência de aprendizagem na língua nativa pode ser fator de contribuição para um processo de revitalização da língua mundurukú. No contexto desta pergunta, a atitude sobre a língua se apresenta no componente comportamental, ou seja, nesta situação sociolinguística o indivíduo reage favoravelmente à possibilidade de aprender ou de ter aprendido algo

sobre a língua mundurukú. A maioria declara que teve experiência e que este fato poderia contribuir para o resgate da língua nativa. Assim vê-se uma reação a favor da aprendizagem do mundurukú, não só no sentido de querer aprender, mas também, de ter aprendido alguma coisa. No confronto das perguntas, esta análise é capaz de apresentar grandes controvérsias nas respostas dos informantes, e principalmente naquilo que querem fazer com a língua mundurukú. Em respostas às entrevistas consegue-se captar as seguintes afirmações:

(38) *Já, assim, falando palavras soltas, algumas frases pequenas, aí já teve, já, quem me ensinava era algumas vezes meus avós e outras pessoas idosas também. (MDKC7)*

(39) *Já... Já passei por isso. Foi com esse velhinho que já faleceu faz tempo já. Ele usava mais palavras soltas. O nome de animais, pessoas, corpo humano, essas coisas. (MDKC6)*

(40) *Já. Bem, gente teve uma experiência de aprendizado em cartilhas. O meu tio, ele é o chefe indígena do coisa. Ele foi pro Pará e conseguiu algumas cartilhas, levou lá pra dentro da escola. E... A gente teve poucas experiências, mas com isso ajudou bastante. (MDKC17)*

(41) *Já. Antigamente o cacique geral era meu tio Francisco Cardoso ele foi pra Brasília pra lá construíram uma cartilha lá tinha alfabetização mundurukú, só que é diferente lá do Pará. É o Chiquinho hoje é chefe de custo. Foi lá que eu aprendi. (MDKC19)*

Resposta de um informante da comunidade do Kwatá-Laranjal sobre a experiência de aprendizagem com a língua mundurukú. Por outro lado, como 77% dos informantes dizem ter tido experiências de aprendizagem em língua mundurukú, sendo que 11% prefere escrever e 11% ler na língua mundurukú. As ações e os interesses são bastante diferentes em determinados contextos, ou seja, a conduta linguística dos informantes não possui um padrão regular de interesse que demonstre a real intenção dos indivíduos sobre a língua mundurukú.

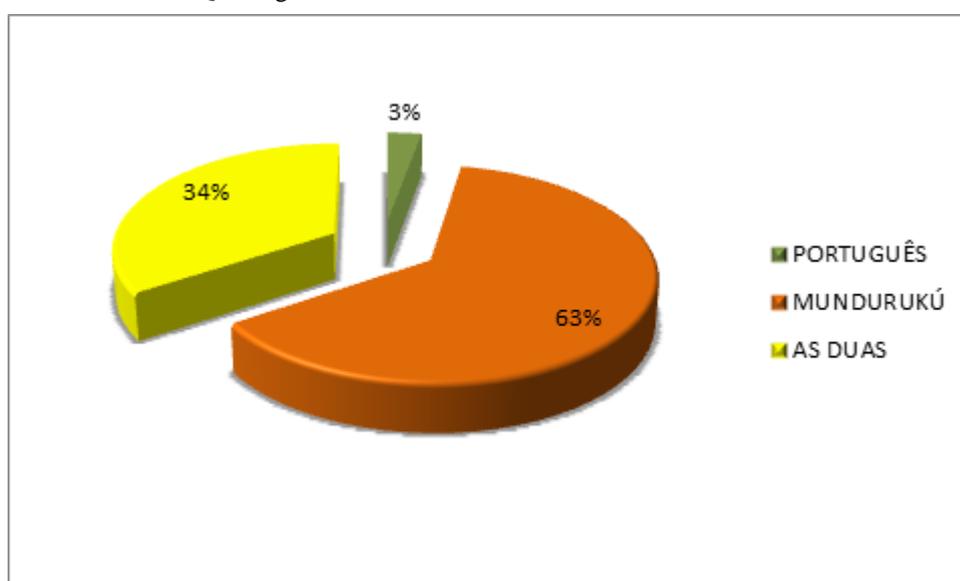
Entretanto, os dados são animadores quando observamos que a grande maioria dos informantes já apresentou algum contato anteriormente com a sua língua de cultura, o que pode eventualmente facilitar o seu resgate, embora em outras questões respondidas pelos informantes haja a presença de elementos contraditórios como, por exemplo, o fato de a maioria responder que já tiveram experiência em aprendizagem na

língua mundurukú e poucos responderem que preferem ler e escrever na língua indígena. Por outro lado, ter tido experiência não corresponde dominar a língua mundurukú.

O histórico dessas experiências nos revela que já houve projetos que objetivavam justamente este tipo de atividade de formação, como por exemplo, o projeto Kabia'ra, que já foi citado anteriormente. O projeto ainda podia contar com falantes mais velhos, que foram convidados a participar em algumas aulas para falar e para contar história de seus ancestrais (BELEZA, 2002 apud PIKANÇO, 2012b). Durante muito tempo, os mais velhos continuaram visitando as escolas para repassar os aspectos locais da sua língua e cultura para as crianças, uma prática feita casualmente, ou seja, sem qualquer assistência pelo projeto, e que parou por causa da má condição de saúde dos idosos (BORELLA ; SANTOS, 2011 apud PIKANÇO, 2012b).

4.6 Pergunta relacionada à que língua deve ser ensinada na escola.

GRÁFICO 11: Que língua deve ser ensinada na escola?



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação à educação, quando os colaboradores foram perguntados “que língua a escola deve ensinar?”, 22 disseram que a escola deve ensinar o mundurukú; 12 acham que a escola deve ensinar as duas línguas. Nas opções que os colaboradores responderam apenas um informante disse que gostaria que a escola ensinasse o português. Nos percentuais de informantes que disseram que devia se ensinar o

mundurukú, temos 63%; nos que disseram que a escola deveria ensinar o português e o mundurukú, temos 34%; e, por fim, os que gostariam que a escola ensinasse apenas o português, temos 3%. Em relatos de entrevistas, fica bastante evidente o interesse dos indivíduos de uso, monolíngue ou bilíngue do mundurukú e português:

(42) *Hoje deveria ser ensinado o Mundurukú, né, como a primeira língua e a segunda língua seria o português. (MDKC1)*

(43) *O mundurukú, porque é o nosso idioma e é o primeiro pra nós, uma primeira língua. (MDKC3)*

(44) *Bom, na minha escola eu acho que... Penso que a primeira língua pra nós seria hoje o mundurukú, depois seria o português. Desenvolver o mundurukú como primeira língua e depois o português como segunda língua. (MDKC28)*

(45) *Tem que ser as duas, português e mundurukú. (MDKC23)*

A consciência que os colaboradores apresentam sobre a necessidade de se ensinar a língua mundurukú como forma de resgate da língua é percebida quando se analisa as respostas das entrevistas. Há uma grande perspectiva de retomar a língua mundurukú a partir da escola, pois o processo de sistematização do ensino do mundurukú deverá contribuir para o desejo de retomada. A ideia é construída a partir daquilo que as crianças deverão fazer com a língua mundurukú na família, escola e comunidade.

O desejo de ensino da língua mundurukú na escola é resultado do interesse em resgatar a língua nativa. Parece haver o entendimento que a escola poderia concretizar o sonho de revitalização da língua mundurukú. Por outro lado, o interesse na língua portuguesa, mesmo mínimo, também fica evidente, pois, aprendendo o mundurukú, não deixaria de falar o português. Os indicativos mostram também certa tendência ao bilinguismo, pois muitos gostariam que a escola ensinasse as duas línguas para as crianças.

Analisar a atitude linguística da comunidade mundurukú do Kwatá-Laranjal a partir de seus componentes, é entender de forma mais aprofundada as crenças, desejos e comportamentos que manifestam em favor da língua que usam efetivamente como instrumento de comunicação e da língua que desejam reaver como elemento de composição de sua identidade e cultura. Numa análise de cunho quantitativo, este

trabalho procurou descrever as manifestações de atitudes em relação à língua que falam e a língua que querem aprender. Nesse sentido, as observações quantitativas mostraram uma tendência às manifestações positivas com relação à língua que querem aprender, ou seja, o mundurukú.

Embora, encontremos em nossa análise os três componentes da atitude linguística, percebeu-se que o elemento afetivo teve mais evidência nos depoimentos dos colaboradores. Este componente corresponde ao sentimento frente ao que se sabe a respeito da língua, variedade ou grupo linguístico. Assim vê-se a preferência que o colaborador manifesta em relação ao uso que quer fazer da língua mundurukú e do português; quais os desejos que os indivíduos possuem para o futuro da língua que gostariam de resgatar e o que pretendem fazer com a língua de seu uso diário. Segundo Morales (1989, p.233) o componente afetivo diz respeito às reações emocionais e sentimentos.

Os informantes manifestam o interesse em voltar a usar a língua mundurukú e ensinar as crianças promovendo a transmissão da língua na comunidade do Kwatá-Laranjal, entretanto, ainda não aprenderam o suficiente sua língua nativa para promover as transmissões às gerações mais jovens. Os colaboradores apresentam muitos anseios sobre a língua mundurukú no sentido de aprendê-la; ensinar às crianças a partir do processo de alfabetização; usar a língua nativa e o português para atividades de leituras e produção de textos etc. Contrariamente a este desejo está a realidade linguística desta comunidade que se apresenta como monolíngue, no uso efetivo do português na vida cotidiana e na escola.

5 CONCLUSÃO

É verdade que a construção cultural de um povo é feita a partir de como ele entende e compreende as coisas que estão em sua volta. Também é verdade que a língua é um elemento cultural e que seu uso é determinado a partir de como um povo concebe sua cultura. Por outro lado, a cultura, assim como a língua, sofrem as transformações criadas pelas interações entre os povos, o que gera mudanças de uso, comportamentos e informações com relação à sua cultura e língua.

A realidade do povo mundurukú da comunidade do Kwatá-Laranjal parece ser descrita nas palavras acima, em que num espaço bastante reduzido na cronologia da história sua cultura foi devastada pela do homem branco, transformando quase que totalmente os hábitos e costumes indígenas mundurukú. Aqueles que eram os famosos guerreiros cortadores de cabeça e desbravadores das terras amazônicas, hoje sofrem, pois deles foi cortada sua língua, o que representa um trocadilho bastante irônico para esta situação.

O trabalho de observação sobre um possível resgate de uma língua, como neste caso da língua mundurukú da comunidade do Kwatá-Laranjal, representa um passo inicial no entendimento dos mecanismos que estão presentes no processo de revitalização e de como eles funcionam para o sucesso do trabalho. Contudo, conclusões definitivas ainda representam questões precoces quanto ao tema em questão, pois o resultado desta pesquisa é apenas um marco inicial para outras observações e estudos. O interesse desta pesquisa centra-se na atitude que o povo mundurukú do Amazonas assume no uso da língua que aprenderam e na língua a que virão aprender como forma de resgate de sua identidade. Neste sentido, procurou-se entender como a atitude, positiva ou negativa, assumida poderia ser fator de resgate de uma língua em desuso, a língua mundurukú.

A hipótese formada para organizar nossa pesquisa foi que a comunidade mundurukú do Amazonas manifestava o interesse em reaver sua língua nativa a partir do Curso de Formação Específica que a Universidade Federal do Amazonas estava lhes proporcionando. Os alunos desta formação, em relatos de entrevistas, declararam ter interesse em voltar a usar sua língua nativa porque sofriam preconceito por não usá-la mais e isto acabava criando um sentimento de perda identitária. Por exemplo, na resposta dada por um informante quando foi perguntado se se sentia menos índio por não falar mais sua língua nativa: *“na verdade, eu posso até dizer que me sinto menos*

índio porque eu não posso comprovar a minha linguagem e na verdade a linguagem vai fazer com que é... a gente seja povo indígena mesmo, porque tá, de vez enquanto, usando e valorizando a sua língua materna.”

Nas entrevistas, muitos diziam que estava faltando algo para completar sua cultura e a aprendizagem da língua mundurukú tamparia esta lacuna. Na verdade, o resgate imediato da língua mundurukú parece ser uma necessidade para esta comunidade e os alunos desta formação acreditam nisso e pretendem, mesmo sem muita certeza disso, aprender a língua e ensiná-la às crianças da comunidade.

Esta pesquisa aponta elementos preliminares importantes para aqueles que pretendem lançar seus estudos em processos de revitalização, tomando como fator definidor a atitude linguística. No caso da comunidade do Kwatá-Laranjal a situação sociolinguística se apresenta da seguinte forma: na geração dos avós começa-se usar a língua portuguesa e esta situação se intensifica na geração dos pais dos informantes. Aparece evidenciado, nos depoimentos, que os avós tentavam ensinar/transferir a língua mundurukú para os pais, mas outros fatores dificultavam isso, como por exemplo, a predominância do não índio na comunidade.

A comunidade mundurukú começa apresentar características de bilinguismo na geração dos avós dos informantes com a entrada da língua portuguesa trazida pelo não índio (jesuítas, missionários etc.). Um processo de ruptura geracional parece ter causado a não transferência da língua indígena na geração dos pais dos informantes, dessa forma, fazendo a língua portuguesa aumentar seu prestígio e sendo eleita a língua de maior uso na comunidade.

A língua portuguesa, dentro de três gerações, acabou recebendo um valor positivo para seu uso, ou seja, uma atitude favorável a uso determinou, numa inversão de valores, uma atitude negativa em relação à língua mundurukú. Na geração dos informantes, há um movimento interessado no resgate da língua nativa, em que os desejos que manifestam em relação a essa língua, o conhecimento que se tem e a forma como reagem hoje, é fruto desse interesse. É certo que aconteceu uma mudança linguística nesta comunidade, onde a língua mundurukú foi substituída pelo português na geração dos pais dos informantes. Com uma consciência linguística mais definida, a geração dos informantes apresenta uma atitude linguística que se caracteriza na valorização da língua mundurukú como elemento identificador de sua cultura. É neste panorama sociolinguístico que esta pesquisa procurou entender a atitude que apresentam em revitalizar a língua nativa.

Embora este trabalho apresente elementos que proporcione a observação de fatores que caracterizam uma língua em plena extinção, há nele um ponto de esperança para os que defendem a manutenção das línguas, pois nesta pesquisa existe a presença de atitude positiva dos informantes em relação à língua mundurukú manifestada nos discursos das entrevistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Crenças e atitudes lingüísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras.** São Paulo: Revista Estudos Lingüísticos, v. 37, n. 2: 105-112, maio-ago, 2008.

BELEZA, Adalberto Rodrigues. **Kwata-Laranjal, história e reconquista da terra.** Manaus: SEDUC-AM, 2002.

BLANCO CANALES, Ana. **Estúdio sociolingüístico de Alcalá de Henares.** Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de La Universidad de Alcalá, 2004.

BORELLA, Cristina & SANTOS, Eneida. 2011. **A língua Mundurukú na Terra Indígena Kwatá-Laranjal: a espera do outro.** In S. Holanda, F. Pessoa, M. Ferreira & T. Sarmiento-Pantoja (Orgs.), Anais do III CIELLA, Vol. 1, 217-221. Belém: CVR. [EtnoLink]

BORELLA, Cristina de Cássia & SANTOS, Eneida Alice. Gonzaga. **Relatório do Levantamento Sociolingüístico na Terra Indígena Kwatá-Laranjal.** Manaus: UFAM, 2011.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística, uma introdução crítica.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CANNELL, Charles F.; KAHN, Robert L. **Coleta de dados por entrevista.** In: FESTINGER, Leon; KATZ, Daniel. **A pesquisa na psicologia social.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

CORBARI, Clarice Cristina. **Pensamentos e crenças a respeito do uso e do ensino das línguas faladas na localidade paranaense de Irati.** Entrepalavras, Fortaleza - ano 2, v.2, n.1, p. 228-244, jan/jul, 2012.

CROFTS, Marjorie. **Gramática Munduruku.** Cuiabá-MT: Publicação da Sociedade Internacional de linguística, 1966.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona. Editorial Ariel, S.A. 1998.

FERREIRA, Carla Sofia da Silva. **Percepções dialectais e atitudes linguísticas. O método da Dialectologia perceptual e as suas potencialidades**. Textos Seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, APL, 2009, pp. 251-263.

FISHMAN, Joshua. **La Sociología de lalenguaje**, Rowley, Mass. Madrid: Cátedra, 1995.

FISHBEIN, M., e I. Ajzen. **Belief Attitude, Intention, and Behavior: an Introduction to Theory and Research**. Reading, MA, Addison-Wesley, 1975.

FRANCHETTO, Bruna. **A guerra dos alfabetos: os povos indígenas na fronteira do oral e o escrito**. Trad. Luiz Costa. Manaus, 2008. Vol. 4 Selected, pp. 31-59.

FUNDAÇÃO Nacional de Saúde (FUNASA). **Demografia indígena**. 2010. Disponível em:

<http://www.funasa.gov.br/site/busca/?q=popula%C3%A7%C3%A3o%20ind%C3%ADgena>. Acesso em: 15 de abr. 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GÓMEZ MOLINA, J. R. **Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales**. In: Congreso internacional de la asociación de lingüística y filología de la américa latina- ALFAL, 11, 1996, Las Palmas de Gran Canaria. *Actas...* Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996. v. 2, p. 1027-1042.

INSTITUTO Socioambiental. Terra Indígena Coatá-Laranjal. Disponível: <http://pib.socioambiental.org>. Acessado em: abr. 17, 2011.

LAMBERT, W. E. **A social psychology of bilingualism.** Journal of Social Issues, 23, 91-109, 1967.

LEOPOLDI, José Sávio. **Brazilian Amerindian Contact: Mundurucu case.** Oxford: Univesity of Oxford, 1979. 240p. Dissertação de Mestrado. Existe uma tradução disponível no Cimi-Norte com o título “O contato do Índio brasileiro: o caso mundurukú”.

LICENCIATURA Específica formação de professores indígenas. 2011. Disponível em:http://faced.ufam.edu.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=86&catid=42&Itemid=2. Acesso em: 12/04/2014.

MARTINES, George Vergés. **Aspectos semânticos dos nomes classificados em Munduruku.** Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo) São Paulo: USP, 2007.

MENDES, Djalma Gomes Júnior. **Comparação Fonológica do Kuruáya com o Mundurukú,** 2007. 66 f. Dissertação de Mestrado submetido ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - Universidade de Brasília - Instituto de Letras, 2007.

MERINERO, Sonia Izquierdo. **Actitudes ante el deterioro de la lengua. El Español en Brasil.**Suplementos marcoelee. Issn 1885-2211 / núm. 13, 2011.

MOORE, Denny. Brazil: Language Situation. In: BROWN, K. (org. geral). **Encyclopedia of language and linguistics.** 2ª ed. Oxford: Elsevier, 2006. v. 2. p. 117-128.

MORALES, Humberto López. **Sociolingüística,** Madrid, Editorial Gredos, 1989.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de Índio.** 2ª ed. São Paulo: Ed. Callis, 2000.

STREET, Richard L. **Evaluation of noncontent speech accomodation**. Language and Communication 2. 1982.

PICANÇO, Gessiane. **Introdução ao mundurukú: fonética, fonologia e ortografia**. Caderno de Etnolinguística, Série Monografias, 3. ISSN 1946-7095, 2012. Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/mono:3>

PICANÇO, Gessiane. **Language Planning for “Mundurukú do Amazonas”**. Belo Horizonte: **RBLA**, v. 12, n. 2, p. 405-423, 2012.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Aspectos da história das línguas indígenas da Amazônia**. Cadernos do CNLF, Vol. XVI, nº 04, t. 1 - Anais do CNLF, 2008.p. 37-51.

ROKEACH, M. (1968). **Beliefs, attitudes, and values: A theory of organization and change**. San Francisco: Jossey-Bass.

SCHLEMMER, Bertrand. **A ética da profissão: da responsabilidade política do cientista à responsabilidade científica do pesquisador - um itinerário da antropologia francesa**. In: ARANTES, Antonio Augusto; RUBEN, Guilherme Raul; DEBERT, Guta Grin. (Org.). **Desenvolvimento e direitos humanos: a responsabilidade do antropólogo**. Campinas, SP: UNICAMP, 1992. p. 137-153.

TOCANTINS, Antônio Miguel Gonçalves. **Estudos sobre a Tribo Munduruku**. Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil. Rio de Janeiro: Garnier, 1877.

YIN, Robert. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

VERGARA, Sylvia Constant. **Modelos de coleta de dados no campo**. São Paulo: Atlas, 2009.

ANEXOS

ANEXO I

QUESTIONÁRIO DE ATITUDE LINGUÍSTICA

HISTÓRICO

1. Qual a primeira língua que você aprendeu quando criança?
2. Que língua seus pais aprenderam quando criança?
3. Que língua seus avós aprenderam quando criança?
4. Você escutava seus avós falarem com seus pais na língua Mundurukú?
5. Que língua você usa mais frequentemente em casa para falar com as crianças?
6. Que língua você usava mais frequentemente em casa para falar com adultos?
7. O você conhece da cultura de seu povo?
8. Como você conheceu?
9. Em que língua isso aconteceu?

EDUCAÇÃO

10. Que língua você usa mais frequentemente em casa para escrever?
11. Que língua você prefere para ler?
12. Que língua você prefere para escrever?
13. Você foi alfabetizado em que língua e como foi este processo?
14. Em que língua você gostaria que seus filhos fossem alfabetizados?
15. Você já teve algum tipo de experiência de aprendizagem em língua Mundurukú?
16. Você acha importante aprender a forma escrita do Mundurukú? Por quê?

17. Se tivesse que estudar a língua Mundurukú na escola, como você gostaria que fossem as aulas?
18. Qual sua expectativa nas disciplinas onde irão aprender a língua Mundurukú?

ATITUDE

19. Que língua você fala mais confortavelmente?
20. Que língua deve ser ensinada na escola?
21. Qual seu interesse em voltar a falar sua língua nativa?
22. Atualmente, quantos falantes falam sua língua nativa e quem são eles?
23. Se você aprender sua língua nativa, o que vai acontecer com o português?
24. Que futuro você imagina para a sua língua de cultura?
25. Você gostaria que todos de sua comunidade falassem a língua Mundurukú. Por quê?
26. Você acha que a sociedade os considera menos indígenas por não falarem o Mundurukú?
27. Você se sente menos índio por não falar a língua Mundurukú?
28. Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser índio?
29. Você já sofreu algum tipo de preconceito por não falar a língua Mundurukú?
30. Você acha que por ser índio é mais propenso a sofrer preconceito por parte dos não índios?
31. Você acha que vai conseguir aprender Mundurukú?
32. O que levou ao desuso da língua Mundurukú?

USO

33. Que língua você usa no trabalho para falar com seus colegas?
34. Que língua você fala com pessoas da mesma idade na vizinhança?
35. Na sua comunidade ainda fazem algum tipo de cerimônia?
36. Que língua você usa durante uma cerimônia de sua tribo?
37. Você conhece alguma palavra na língua Mundurukú? Se conhece, utiliza com que frequência ?
38. Você, geralmente se interessa em aprender novas palavras em Mundurukú?
39. Como você vai fazer isso? (só se tiver interesse)
40. Para que fazer isso?(só se tiver interesse)
41. Que língua você acha “mais bonita”? Por que?
42. Você sabe que língua seus pais consideravam mais bonita?

ANEXO II

TRANSCRIÇÃO DAS PERGUNTAS

<i>1. Qual a primeira língua que você aprendeu quando criança?</i>	
ADALBERTO	Português.
ADELCINHO	Português.
ADELMARA	Português.
ADELMO	Português.
ADELSON	Português, porque já estava mais envolvido.
ADOLFRAN	Quando eu nasci meus pais já falavam o português. Só falo o português.
AILTON	Português.
ALUÍSIO	Bom, eu aprendi a língua... O português mesmo.
ARQUIBA	Foi o português já.
ELCIANE	Português.
ELIEZER	A língua portuguesa.
ELISEU	A primeira língua que eu aprendi foi o português né? Já quando a gente começou entendi a língua mundurucu já não... existia, mas bem pouco a gente aprendeu logo o português.
ERISSON	Foi português.
FRANCISCO	Português.
JOELMA	Português.
JOSÉ PAZ	Primeira língua que eu aprendi quando criança foi o português.
JOSEANE	Português.
KÁTIA	Português.
LEOMAR	Quando criança eu aprendi diretamente logo o português.
LUSIENE	Português.

MARIA HELENA	Português.
MARINILZA	Português.
MARIVALDO	O português.
MERIAN	Português.
MOISÉS	Português.
PAULO GILBERTO	Quando eu era pequeno eu sempre via meus avós falar o português né, já o português... Porque eles foram proibidos de não falar a língua. Eu já me criei escutando o português né, só o português.
RAIMUNDA CUNHA	Português.
RAIMUNDO MOREIRA	Português, porque quando eu nasci meus pais já falavam português.
RISONETE	Português.
ROSANA BRASIL	Português.
ROSANGELA BRASIL	Português.
VALCIMAR	Português.
VALDEIR	A primeira língua mesmo eu falava mundurukúsó quando passei a falar o português eu tinha raiva do meu avô que falava comigo eu mordida ele é que eu não queria aprender mais aquilo ai pra mim , as vezes eu fico lembrando quando eu tô ai fico lembrando o aquilo era pra mim ter aprendido lá e hoje faz falta pra mim.
VALDENICE	Português.
ZENILCE	Português.

2. Que língua seus pais aprenderam quando criança?

ADALBERTO	Português.
ADELCINHO	Português.
ADELMARA	Português.

ADELMO	Português.
ADELSON	Português.
ADOLFRAN	É porque os pais deles eram umas das pessoas que viveram antigamente, né. O pai do meu pai ele foi um dos tirador de cabeça que eles falam. Meu pai usava um pouco do mundurukú, e minha mãe também usava.
AILTON	Português também.
ALUÍSIO	É o mundurukú.
ARQUIBA	Minha mãe falava um pouco mundurukú mas meu pai fala português mesmo.
ELCIANE	É português também.
ELIEZER	A língua portuguesa também. Meu pai tentou aprender um pouco de língua mundurukú, né.
ELISEU	Quando criança meu pai aprendeu o português também bem pouco o mundurucu também né?... Que já não existia aprendeu bem pouco.
ERISSON	Aprenderam um pouco da língua indígena e um pouco do português. Mas só que eles falavam mais o português.
FRANCISCO	Língua mundurukú. Falava meu pai minha mãe também.
JOELMA	Português.
JOSÉ PAZ	Os meus pais eles aprenderam também português.
JOSEANE	Português também.
KÁTIA	Português também.
LEOMAR	Eles falavam mundurukú, mas aos poucos foram deixando com a influência lá do não índio.
LUSIENE	Muitos deles falavam linguagem mundurukú aí o tempo que assim nossa avó que ensinava pra ele, ela faleceu aí eles esqueceram aí já foram ensinando a gente a falar o português.
MARIA HELENA	Português.
MARINILZA	Também a falar o português.
MARIVALDO	Era uma coisa assim que os pais deles sabiam falar a linguagem, mas eles continuam falando o português desde criança, não aprenderam a linguagem não.

MERIAN	Português.
MOISÉS	Português também.
PAULO GILBERTO	Eles já falavam só o português já.
RAIMUNDA CUNHA	Português também
RAIMUNDO MOREIRA	Meus pais sempre falaram português.
ROSINETE	Português.
ROSANA BRASIL	Português.
ROSNAGELA BRASIL	Meu pai, ele falava o português causa que minha vó queria ensinar ele ficava brabo, né, aí ele não nunca aprendeu, só o português.
VALCIMAR	Mundurukú.
VALDEIR	Aprendeu as duas línguas.
VALDENICE	O português também.
ZENILCE	O português.

3. *Que língua seus avós aprenderam quando criança?*

ADALBERTO	Mundurukú.
ADELCINHO	Mundurukú.
ADELMARA	Mundurukú, fala as duas línguas.
ADELMO	Língua mundurukú.
ADELSON	Língua mundurukú.
ADOLFRAN	Mundurukú, desde início. Desde quando nasceram , nasceram na... Com o passar do tempo já aprenderam o português.
AILTON	A língua mundurukú.
ALUÍSIO	Também mundurukú.
ARQUIBA	Meu avô era branco, minha vó era... Ela fala mundurukú mesmo.

ELCIANE	Mundurukú.
ELIEZER	Língua mundurukú.
ELISEU	Também o português eles não falavam mundurukú.
ERISSON	Mundurukú.
FRANCISCO	Mundurukú.
JOELMA	Mundurukú.
JOSÉ PAZ	Aprenderam o mundurukú, eles eram falante do mundurukú.
JOSEANE	Meus avós eram falantes da língua indígena... Hum hum.
KÁTIA	Meus avos paternos mundurukú e materno português
LEOMAR	Eles falavam direto o mundurukú, não falavam o português.
LUSIENE	Língua materna mundurukú.
MARIA HELENA	Mundurukú.
MARINILZA	Mundurukú.
MARIVALDO	Só mundurukú.
MERIAN	Mundurukú.
MOISÉS	Mundurukú.
PAULO GILBERTO	A minha vó, acho que ela aprendeu mundurukú né, manobrava bem o mundurukú né. O meu avô não cheguei vê ele.
RAIMUNDA CUNHA	Mundurukú, eles falavam mundurukú.
RAIMUNDO MOREIRA	Eles falavam a linguagem mundurukú mesmo. Todos os dois se comunicavam em mundurukú mesmo.
ROSINETE	Indígena.
ROSANA BRASIL	Mundurukú.
ROSNAGELA BRASIL	Eles aprenderam mundurukú, por causa que minha avó falava a linguagem (mundurukú).

VALCIMAR	Mundurukú.
VALDEIR	Mundurukú, ainda cheguei a vê ela ainda.
VALDENICE	Meus avós já na época eles falavam o mundurukú falavam bem.
ZENILCE	Português também.

4. Você escutava seus avós falarem com seus pais na língua Mundurukú?

ADALBERTO	Escutava.
ADELCINHO	Não.
ADELMARA	Falava algumas vezes.
ADELMO	Sim.
ADELSON	Sim.
ADOLFRAN	Tenho uma lembrança de quando eu era pequeno, né. O meu avô ralhando, coisa e tal. Pedindo pra fazer certas coisas em mundurukú.
AILTON	Algumas palavras
ALUÍSIO	Bom, a gente ouvia, mas eles não permitiam que a gente aprendesse também.
ARQUIBA	Às vezes, poucas vezes.
ELCIANE	Escutava.
ELIEZER	Não, não escutei não.
ELISEU	Algumas palavras que eles aprenderam... Falavam... Poucas palavras.
ERISSON	Todos falavam em mundurukú.
FRANCISCO	Eu até ainda estudei com ele um tempo né?... Mas só que infelizmente ele morreu faleceu chegou a falecer ainda depois a gente não teve mais esse avanço de estudo com ele.
JOELMA	Palavras soltas, só.
JOSÉ PAZ	Escutava, eu ouvia muito.

JOSEANE	Hum, hum.
KÁTIA	Ouvia.
<i>5. Que língua você usa mais frequentemente em casa para falar com as crianças?</i>	
LEOMAR	Escutava, quando eles contavam histórias na língua mundurukú ficava ouvindo, mas não entendia nada.
LUSIENE	Não, não cheguei a ouvir.
MARIA HELENA	Não.
MARINILZA	Parte do meu pai não cheguei a ver, agora parte da minha mãe que eu cheguei a ver que ela... Tá com dois anos de morta, que ela falava com a gente contava história, falava pedia as coisas em mundurukú algumas palavras que nós entendia nome de animais, por exemplo, nome de peixes é isso.
MARIVALDO	Não, não cheguei a ver isso não.
MERIAN	Sim.
MOISÉS	Sim.
PAULO GILBERTO	A minha avó, eu sempre ouvia ele falar né. Ela sempre fala e ensinava a gente e a gente procurava aprender né, por isso a gente tem algumas palavras soltas né, algumas frases também a gente ainda fala.
RAIMUNDA CUNHA	Não.
RAIMUNDO MOREIRA	Eu nunca ouvi até porque quando eu nasci meus avós já tinham falecido.
ROSINETE	Nunca escutei.
ROSANA BRASIL	Ouvia.
ROSNAGELA BRASIL	Isso aí, quando eu era pequena né, eu nunca, não. Ele só fazia contar que ela falava pra ele né, só que ele nunca queria aprender né.
VALCIMAR	Ouvia.
VALDEIR	Escutava.
VALDENICE	Não até porque eu não cheguei a conhecer os meus avós nempor parte de pai nem de mãe.
ZENILCE	Não.

ADALBERTO	Português.
ADELCINHO	Português.
ADELMARA	Português.
ADELMO	Português.
ADELSON	Só o português mesmo, frequentemente. Diariamente, algumas vezes. Porque a gente não tem o domínio da língua mundurukú, então a gente tá tentando revitalizar, buscar aquilo que é nosso, né. Então algumas coisas que a gente tem o conhecimento a gente repassa a família. Na escola já é diferente, a gente aplica aquilo que a gente aprende no estudo, por exemplo, os conhecimento que aprendemos dos parentes a gente repassa pros filhos e na escola.
ADOLFRAN	Hoje em dia é o português.
AILTON	Português.
ALUÍSIO	É o português.
ARQUIBA	Português.
ELCIANE	É o português.
ELIEZER	Atualmente a língua portuguesa, né.
ELISEU	Português.
ERISSON	Português.
FRANCISCO	Língua portuguesa. Porque já não tem mais o costume de falar assim... O mundurukú. Mas eu entendo o que fala eu entendo as palavras não todas, mas algumas.
JOELMA	Português.
JOSÉ PAZ	Eu uso o português.
JOSEANE	Português.
KÁTIA	Português.
LEOMAR	Agora no momento eu tô misturando o mundurukú com o português, mas antes era só o português. Agora entendem.
LUSIENE	O português.

MARIA HELENA	O português.
MARINILZA	Por enquanto esse português.
MARIVALDO	Mundurukú só as palavras soltas, mas o português mesmo.
MERIAN	Português.
MOISÉS	O português mesmo.
PAULO GILBERTO	Recentemente a gente fala o português né, porque é a língua mais de fala, mas daqui pra li a gente usa em alguns momentos né, fala pra criança palavras soltas né pra ir introduzindo também... Palavra nome de fruta, animal, objetos né, vai ali, vem cá... Vai buscar o café, vai encher água... Mais ou menos assim.
RAIMUNDA CUNHA	Português.
RAIMUNDO MOREIRA	Frequentemente eu uso a língua portuguesa mesmo pra se comunicar com as crianças.
ROSINETE	Português.
ROSANA BRASIL	É o português.
ROSNAGELA BRASIL	Português.
VALCIMAR	A língua portuguesa.
VALDEIR	Mais o português.
VALDENICE	Português mesmo.
ZENILCE	Português também.

6. Que língua você usava mais frequentemente em casa para falar com adultos?

ADALBERTO	Português.
ADELCINHO	Português.
ADELMARA	Português.
ADELMO	Misturado português e mundurukú.
ADELSON	Só também o português, né. Porque a gente tem como se fosse a primeira língua, porque ninguém tem o

	domínio de nosso idioma, né.
ADOLFRAN	Também o português.
AILTON	O português.
ALUÍSIO	Também o português.
ARQUIBA	Também o português.
ELCIANE	Também o português.
ELIEZER	Língua portuguesa também.
ELISEU	O português também.
ERISSON	Português também.
FRANCISCO	Também a língua portuguesa.
JOELMA	Português.
JOSÉ PAZ	Também o português.
JOSEANE	Português.
KÁTIA	Português.
LEOMAR	Com meus avós eu sempre dava horário, perguntava. Agora no momento é português.
LUSIENE	O português também. Porque eles dominam mais.
MARIA HELENA	Também o português.
MARINILZA	Também português.
MARIVALDO	Só o português mesmo.
MERIAN	Português.
MOISÉS	É português mesmo.
PAULO GILBERTO	Já o português né, é o português.
RAIMUNDA CUNHA	Português.
RAIMUNDO MOREIRA	Eu também uso o português.
ROSINETE	Português também.

ROSANA BRASIL	O português também.
ROSANGELA BRASIL	O português também.
VALCIMAR	O português também.
VALDEIR	O português também só a minha avó que falava. Ainda fala comigo e algumas palavras eu entendo.
VALDENICE	Português também.
ZENILCE	Português também.

7. Que língua você prefere para ler?

ADALBERTO	Português.
ADELCINHO	Português.
ADELMARA	Português.
ADELMO	Português.
ADELSON	Nosso idioma.
ADOLFRAN	Eu acho que nesse caso aí... Hoje em dia a gente tá... A gente tá avançado... A gente dá preferencia mais pro português.
AILTON	Os dois, agora que eu tô tentando buscar tanto o português, que é a primeira da gente, né, e a segunda que é a língua indígena, a mundurukú.
ALUÍSIO	Bom, eu tô optando pelas duas também, português e mundurukú.
ARQUIBA	Pra mim o fácil é o português mesmo.
ELCIANE	Português também.
ELIEZER	Português.
ELISEU	Português também.
ERISSON	Português.
FRANCISCO	A língua portuguesa, hoje a língua portuguesa.

JOELMA	Se eu soubesse o mundurukú eu iria preferir o mundurukú, mas, só português. Se eu soubesse o mundurukú eu iria preferir o mundurukú, mas, só português.
JOSÉ PAZ	Bom eu prefiro sempre aprender o mundurukú se dependesse da minha escolhamesmo assim...se fosse um passe de mágica eu preferia ter o mundurukú como primeira língua a ler.
JOSEANE	Bem, na verdade agora que eu estou fazendo a faculdade, eu tou me esforçando ao máximo por causa que eu tenho muita dificuldade no português... É o português que eu quero aprender e não esquecendo da linguagem mundurukú, da nossa escrita... Nada faz com que isso se perca, mas em primeiro lugar o português.
KÁTIA	O português.
LEOMAR	Também o português bastante.
LUSIENE	Acho que agora as duas.
MARIA HELENA	Também o português.
MARINILZA	Também português.
MARIVALDO	Olha, se eu pudesse, vamos dizer escrever pra gente se comunicar entre nó é o mundurukú né, agora pra gente usar documento é o português mesmo.
MERIAN	Português.
MOISÉS	No momento é o português, mas futuramente a gente tá querendo o mundurukú mesmo.
PAULO GILBERTO	Agora, a gente... A gente sempre tá no português né. Porque a gente não tem a escrita, ortografia nossa.
RAIMUNDA CUNHA	Português
RAIMUNDO MOREIRA	Eu prefiro... Eu tenho vontade é a linguagem mundurukú, mas eu só leio em português.
RISONETE	Mundurukú. Prefiro aprender pra ler depois no futuro né... Eu leio só em português mesmo.
ROSANA BRASIL	Eu prefiro a minha linguagem (mundurukú).
ROSNAGELA BRASIL	Pra ler, ainda nessa proposta ainda é o português, agora que nós estamos se preparando né.

VALCIMAR	Olha, se eu soubesse ler, eu leria no mundurukú né, mas no caso como eu não sei né, só posso ler no português né.
VALDEIR	O português.
VALDENICE	Português mesmo.
ZENILCE	Português.

8. Que língua você prefere para escrever?

ADALBERTO	Português, mas a gente quer aprender o mundurukú, também.
ADELCINHO	Português.
ADELMARA	Português, também.
ADELMO	Mundurukú.
ADELSON	Português.
ADOLFRAN	É o português mesmo.
AILTON	No momento o português.
ALUÍSIO	É mundurukú.
ARQUIBA	Português também.
ELCIANE	Português.
ELIEZER	Eu acho que no momento o português.
ELISEU	Português.
ERISSON	Português.
FRANCISCO	Pra escrever também pra língua português, agora já tô caminhando pra escrever o mundurukú agora.
JOELMA	Português.
JOSÉ PAZ	A mesma coisa né... eu prefiro... se fosse pra mim escolher, também escolheria o mundurukú porque eu acho que é a cultura que não devo perder, mas infelizmente eu uso o português pra escrever pra ler.

JOSEANE	Oportuguês.
KÁTIA	Português pelo fato de eu não dominar o mundurukú.
LEOMAR	Também a língua portuguesa.
LUSIENE	Português.
MARIA HELENA	Também o português.
MARINILZA	Português. Porque o mundurukú de aprender eu vou aprender a falar que acho que pouquinho palavra eu falo, mas só que eu não tô conseguindo escrever ainda. eu pretendo aprender a escrever.
MARIVALDO	O português.
MERIAN	Português.
MOISÉS	Português também.
PAULO GILBERTO	Prefere? O português né. O português ainda. aí no caso se a gente tivesse ortografia daria pra gente já ir escrevendo em mundurukú.
RAIMUNDA CUNHA	Português.
RAIMUNDO MOREIRA	Também uso o português.
ROSINETE	Prefiro escrever em mundurukú, e sabendo o português também. eu já sei o português agora que aprender o mundurukú.
ROSANA BRASIL	Eu prefiro a letra da minha linguagem também. (mundurukú).
ROSNAGELA BRASIL	Depois dessa preparação eu vou querer as duas né. o português quando a gente precisa pra fazer um documento, pra liderança, pro conselho local né que existe em nossa aldeia, e pra gente mesmo. Segundo o mundurukú né.
VALCIMAR	De preferencia se eu, como eu já falei da leitura, a mesma coisa seria do mundurukú né, já do pouco que eu já conheci com os colegas como se escreve né, eu escreveria no mundurukú.
VALDEIR	Português.
VALDENICE	Também o português.
ZENILCE	O português.

9. Em que língua você gostaria que seus filhos fossem alfabetizados?	
ADALBERTO	(Não respondeu).
ADELCINHO	Agora no tempo atual mundurukú e português. Bom, mundurukú é porque é da cultura... É muito importante agora pra se comunicar, identificar, e o português que é pra se comunicar com o branco, é ... Pra... Entender o que eles querem repassar pra gente.
ADELMARA	Em língua mundurukú.
ADELMO	Mundurukú, porque isso é muito importante pra nós. Porque, hoje a língua tá se perdendo e muita gente não tá andando valos e a gente tem que aprender pra ensinar pros nossos filhos.
ADELSON	Na língua mundurukú. Porque eu vejo que é uma coisa muito importante. Porque hoje eu percebo que os meus próprios filhos.... Eu vejo que a língua portuguesa pra nós ela está emprestada, ela é oficial sim, mas eu desejo que meus filhos sejam alfabetizados na língua mundurukú mesmo.
ADOLFRAN	Nesse caso aí, hoje em dia, eu dou a preferencia amais pro mundurukú, né.
AILTON	Eu tenho muita vontade dos meus filhos ser assim alfabetizados na língua mundurukú, mas a gente sente uma grande dificuldade da gente não ter o domínio da língua materna pra ensinar as crianças, e o que a gente acha mais fácil é o português.
ALUÍSIO	Bom, hoje eu pretendo que eles aprendam as duas também. É o português e o mundurukú.
ARQUIBA	Agora eu queria que eles fossem alfabetizados em mundurukú.
ELCIANE	Os meus filhos, era em mundurukú.
ELIEZER	Eu acho que tanto língua portuguesa quanto na língua mundurukú, né.
ELISEU	Em mundurukú. É porque o projeto que a gente tá agora é resgatar a língua... A questão é resgatar... Daqui pra frente a gente quer que as crianças aprendam o mundurukú.

ERISSON	Queria que eles fossem alfabetizados na língua materna do índio.
FRANCISCO	Hoje já penso que deveria ser alfabetizado na língua mundurukú e é por isso que já estou é... Tentando ver se eu consigo resgatar pra eu poder repassar pra eles, porque tem uns que já tão fazendo o primeiro ano já e aí eles têm vontade, mas só que eu não sei, pra ensinar eles então por isso que eu estou... A gente se aprende pra ensinar pros meus filhos pra poder repassar pros outros.
JOELMA	Mundurukú.
JOSÉ PAZ	Bom eu preferia que eles fossem alfabetizados nas duas línguas, principalmente, porque o mundurukú e o português vais tanto pra uma quanto pra outra, porque hoje a gente vive na sociedade envolvente né... Não pode aprender só uma língua. Preferia que fosse as duas.
JOSEANE	Bem, como o português ta como nossa primeira língua eu gostaria que eles fossem alfabetizados em português, por causa que há muita concorrência hoje em dia e mais do que nunca agente tem que... Querendo ou não, agente tem que concorrer com o branco lá fora... Agente tem que saber associar, saber se elevar e, saber se habituar na sociedade envolvente...
KÁTIA	Tanto em português quanto no mundurukú.
LEOMAR	Tenho muita vontade que eles sejam alfabetizados através da língua mundurukú infelizmente a gente não sabe bem decifrar.
LUSIENE	Mundurukú.
MARIA HELENA	Mundurukú.
MARINILZA	Eu gostaria que meu filho ser alfabetizado na língua mundurukú. Porque eu acho muito importante pra nós, nossa cultura.
MARIVALDO	No mundurukú né.
MERIAN	Mundurukú.
MOISÉS	A partir de agora, no mundurukú.
PAULO GILBERTO	Eu gostaria que meu filho fosse alfabetizado no mundurukú já, né. Já que as crianças tem facilidade de aprender as coisas, eu gostaria que fossem alfabetizado já no mundurukú né.

RAIMUNDA CUNHA	Mundurukú e português.
RAIMUNDO MOREIRA	Hoje eu queria que meus filhos fossem alfabetizados na própria identidade que é a linguagem mundurukú até porque pra se comunicar, pra ser usada mesmo, mesmo que eu não consiga falar totalmente, mas queria que meus filhos falassem o mundurukú mesmo, a linguagem mundurukú mesmo.
ROSINETE	Eu gostaria que eles sessem alfabetizados na língua materna, na língua mundurukú.
ROSANA BRASIL	Mundurukú.
ROSNAGELA BRASIL	Nesse momento, ainda que agora que nós viemos se alertar né, é o português e depois o mundurukú né.
VALCIMAR	Olha, é em mundurukú.
VALDEIR	Português.
VALDENICE	Eu se eu soubesse se meus avós tivessem vivos eu gostaria que meus filhos aprendessem o mundurukú.
ZENILCE	Agora como eu estou nessa licenciatura de formação eu gostaria que meus filhos fossem alfabetizados na língua materna mundurukú.

10. Você já teve algum tipo de experiência de aprendizagem em língua Mundurukú?

ADALBERTO	Já, com meus avós e com um sr chamado Maximino que era falecido, né? Aí ele dava aula em mundurukú, aí eu fui aprendendo um pouquinho com ele.
ADELCINHO	Já, quem me ensina meu professor e os idosos, eles ensinavam nomes de animais, frases pequenas, palavras.
ADELMARA	Já, assim, falando palavras soltas, algumas frases pequenas, aí já teve, já. Quem me ensinava era algumas vezes meus avós e outras, pessoas idosas também.
ADELMO	Já, através de um professor que fez cartilha. Foi uma oportunidade que nos teve pra aprender mundurukú.
ADELSON	Já...

ADOLFRAN	Já... Já passei por isso. Foi com esse velhinho que já faleceu faz tempo já. Ele usava mais palavras soltas. O nome de animais, pessoas, corpo humano, essas coisas.
AILTON	É... Bem pouquinha, agora que az agente tá...
ALUÍSIO	Essa é a primeira experiência que a gente tá tentando, né. Nunca teve antes.
ARQUIBA	Ainda não, agora que eu tô.
ELCIANE	Algumas palavras. Eu aprendi pela minha vó.
ELIEZER	Já, foi um senhor de idade que já até faleceu. Ele foi duas vezes dar aula pra gente, só que foi muito rápido e não seu pra aprender muita coisa não.
ELISEU	Já. Eram as pessoas aí do Kawta, tinha uns velhinhos que eles sempre iam na aula e ensinavam pra gente algumas vezes. Na escola.
ERISSON	Não. Só aqui.
FRANCISCO	A pergunta não foi feita.
JOELMA	Algumas vezes na escola. Só palavras soltas... nome de animais... essas coisas... assim que agente aprendeu.
JOSÉ PAZ	Já. Na verdade eu tenho experiência em duas línguas diferentes porque a minha esposa ela é “sateré”, “sateré maué” ela é falante da língua “sateré maué”, então hoje eu aprendo quase que convivo diariamente. Eu aprendo mais o sateré do que o próprio mundurukú porque eu convivo com alguém que fala.
JOSEANE	Já. Bem, gente teve uma experiência de aprendizado em cartilhas. O meu tio, ele é o chefe indígena do coisa. Ele foi pro Pará e conseguiu algumas cartilhas, levou lá pra dentro da escola. E... A gente teve poucas experiências, mas com isso ajudou bastante.
KÁTIA	Já.
LEOMAR	Já. Antigamente o cacique geral era meu tio Francisco Cardoso ele foi pra Brasília pra lá construíram uma cartilha lá tinha alfabetização mundurukú, só que é diferente lá do Pará. É o Chiquinho hoje é chefe de custo. Foi lá que eu aprendi.
LUSIENE	Já. Estudamos com o curso de “Kabia’ra” a gente estudou,

	era o professor que agora já faleceu, o finado “Maximino”... E a finada Antônia e agora ficou a Dona Ester e a Dona Joana.
MARIA HELENA	Já. Através dos professores indígenas
MARINILZA	Não. Agora que eu tô tendo
MARIVALDO	Ainda não, nunca me ensinou.
MERIAN	Sim, algumas palavras que eles davam aulas pra gente, os professoras davam, só que era um dia, dois dias na semana. Só palavras soltas mesmo nada de frases.
MOISÉS	Um pouco só. O meu tio que me ensinava sempre. Na escola e em casa também à vezes ele... Quando ele ia por lá. Algumas palavras ele ensinava, palavras solta assim...
PAULO GILBERTO	Já, já tive já. Sempre minha avó falou comigo palavras, frases. Eu estava ali pra escutar e manobro um pouco da grafia mesmo que parcialmente mas eu já consigo já escrever, falar um pouco né, eu não sinto muita dificuldade.
RAIMUNDA CUNHA	To tendo agora.
RAIMUNDO MOREIRA	Tivemos professores, mas não foi uma experiência assim que valesse a pena, porque as vezes tinha aula um dia e depois passava um mês pra ter aula e também pra mim não foi uma experiência boa, não foi contínua.
ROSINETE	Já, foi minha vó que ensinava, ela dava aula na escola, aí eu ia lá... Participava, aí desde quando comecei meu curso de formação aí ela sempre vinha ensinando, dando aula pra nós, acompanhando a gente desde o início.
ROSANA BRASIL	Já, aí mesmo no kwatá... A minha avó Antônia, minha avó Esther ia lá ensinava as crianças, ensinava nós na escola. Contava história.
ROSNAGELA BRASIL	Já, meu tio Francisco Cardoso mundurukú, foi ele que me ensinou a primeira vez que surgiu né. Ele ensinava pra nós... Ele ensina primeiro esse nome da unha, do dedo, da mão tudinho né. Aí ele fazia assim pra nós, pra nós aprender né, fazer castigo quase pra nós decorar, aprender... Eu sei falar bem pouquinho, escrever eu não sei não.
VALCIMAR	Já, quando a gente estava fazendo o projeto kabiará, que era a formação de professores do magistério indígena, é...

	Nós tínhamos o professor Maximino, falante do português e mundurukú, ele ensinava a gente né, só que a gente não tinha uma grafia própria aí vem a questão da pronúncia, a gente falante do português, tem aquela dificuldade de pronunciar a palavra, principalmente no português uma palavra bem curta e já no mundurukú uma palavra bem cumprida. Aí a gente tem essa dificuldade de pronunciar.
VALDEIR	Já. Há foi como eu estava falando néque o meu professorem casa era o meu avô tinha muita experiência e hoje faz falta pra mim comecei a falar que desde quando eu comecei a falar o português né tinha raiva dele pra não fazer aquilo por ele não me ensinar.
VALDENICE	Ainda não.
ZENILCE	Já. Foi quando eu estava no curso de formação fazendo o magistério indígena nós tinha uma professora que ensinava a língua mundurukú pra nós.

<i>11. Que língua deve ser ensinada na escola?</i>	
ADALBERTO	Hoje deveria ser ensina o Mundurukú, né, como a primeira língua e a segunda língua seria o português.
ADELCINHO	Mundurukú
ADELMARA	O mundurukú, porque é o nosso idioma e é o primeiro pra nós, uma primeira língua.
ADELMO	Mundurukú.
ADELSON	Pra nós como indígena seria o nosso próprio idioma mesmo, nossa língua Mundurukú.
ADOLFRAN	Hoje em dia eu acho, na minha ideia, um pouco o português e mais a língua Mundurukú. As duas.
AILTON	As duas, tanto o português como o Mundurukú, né.
ALUÍSIO	As duas, o português e o mundurukú, porque tem que ser as duas porque esses alunos futuramente ele vão manter esse contato com a sociedade e se eles aprenderem só mundurukú aí vai dificultar muito o contato.
ARQUIBA	É o mundurukú, mas pra se comunicar fora de lá deveria ser os dois, português e mundurukú.

ELCIANE	A mundurukú.
ELIEZER	Que língua? Eu acho que ao invés de. Como nós somos hoje... A primeira língua é o português e a segunda é o mundurukú, eu acho que teria que ser o inverso né, primeira língua seria a mundurukú e a língua portuguesa que a segunda.
ELISEU	Mundurukú né... Mundurukú e português também que ele possa sair se comunicar não só mundurukú, o português as duas né...
ERISSON	Língua mundurukú.
FRANCISCO	A língua portuguesa agora a gente já tá quer dizer a língua mundurukú com esses pontos que agora a gente já tá estudando então a gente já pensa ensinar mundurukú hojené ? Pra criança
JOELMA	A língua mundurukú.
JOSÉ PAZ	Na minha escola. Na escola eu acho que devido o contato tem que ser ensinado o português sempre e também o mundurukú, as duas.
JOSEANE	No momento nós temos o português muito presente na nossa vida. Então ele está como primeira língua e a língua nossa, nativa que é o mundurukú, está como segundo... Então eu gostaria que fosse um pouco dum e um pouco do outro também
KÁTIA	Como hoje a gente já vive nesse mundo chamado globalizado néna globalização eu vejo as duas importante né porque a gente precisa saber o português pra se comunicar com os não índio.
LEOMAR	Porque o nosso sonho lá é... E o nosso projeto é de ensinar nossos alunos através da alfabetização diretamente mundurukú. Mundurukú primeiro, depois o português.
LUSIENE	A língua materna o mundurukú
MARIA HELENA	Acho que deveria ser o mundurukú
MARINILZA	Um pouco mundurukú, mas mundurukú agora tá muito avançado no português.
MARIVALDO	Tem que ser as duas, português e mundurukú.
MERIAN	Mundurukú
MOISÉS	A língua mundurukú

PAULO GILBERTO	Aí tem que ser ensinada o mundurukú né, claro que um pouco que a gente já saber né tem que ir introduzindo...
RAIMUNDA CUNHA	A língua mundurukú
RAIMUNDO MOREIRA	Bom, na minha escola eu acho que... Penso que a primeira língua pra nós seria hoje o mundurukú, depois seria o português. Desenvolver o mundurukú como primeira língua e depois o português como segunda língua.
ROSINETE	Deve ser ensina a língua mundurukú, porque senão não vai pra frente.
ROSANA BRASIL	Mundurukú
ROSNAGELA BRASIL	As duas.
VALCIMAR	Pra nós mundurukú... Nós temos que ensinar... Como eles já são falantes do português a gente tem que ensinar o mundurukú
VALDEIR	Uma língua a própria o idioma mundurukú mesmo
VALDENICE	Português mesmo que todo mundo já conhece né
ZENILCE	Eu gostaria que fosse a língua mundurukú ensinada na escola

12. Você já sofreu algum tipo de preconceito por ser índio?

ADALBERTO	Já, na escola onde eu estudava, lá no Iranduba, né, as pessoas consideravam que a gente não era, às vezes a gente fazia um trabalho que não dava certo, né, aí poxa cara tu é índio, né
ADELCINHO	Já, quando eu passei a estudar fora depois dos quatorze anos aí lá, era uma cidadezinha pertinho. Sempre as pessoas, os colegas diziam pô tu é índio e tal, aí eu ficava assim... Aí outra cidade que eu vim recentemente, lá é preconceito, preconceito todahora. Aí,as vezes eu ficava assim... Meio afastado, né.
ADELMARA	Não, até o momento, não.
ADELMO	Ainda não.
ADELSON	Na escola onde eu estudei, aqui mesmo no Amazonas, no Miranduba, então a gente ter este grande preconceito é... Às vezes, por ex. Até de chamar nós de índio. Uma viagem nosso colegas queriam participar de uma visita na comunidade e a outra disse que não, você não vai lá, porque eles vão te comer, eles são índio. Ninguém vai comer ninguém. Outro tipo de preconceito, você não saber falar, por ex. Muitas palavras, assim muito difíceis,

	compridas, grandes então eu não tenho o domínio de falar né.
ADOLFRAN	Muito, muito tipo de preconceito.
AILTON	A gente sempre tem isso, não todas às vezes né, mas a gente sente muito o preconceito. Nos ajuntamentos fora, assim, a gente vai com aquela atenção assim do pessoal não receberem a gente como índio, né, mas onde a gente vai é... Tentar buscar o que é melhor pro índio, pro nosso povo e já que as pessoas apoiam muito a gente.
ALUÍSIO	Já, eu tive estudando na escola do branco, na rainha dos apóstolos e sempre lá existia muitas pessoas não indígena que sempre tinha preconceito contra o índio e por isso eu não conseguia concluir meus estudos lá fora por esse motivo né.
ARQUIBA	Já, com certeza já.
ELCIANE	Não.
ELIEZER	Já, tipo... É por que eu estudei numa outra universidade lá em Brasília. E aí eu estava estudando uma vez lá no ensino de anatomia, eu fazia biologia, né, anatomia animal. Aí na hora da apresentação eu e mais dois colegas, nós éramos três indígenas na sala, aí na hora da apresentação nós falamos que nós éramos indígenas, tal, aí os caras, tipo, quando viram que nós falamos assim, nós somos indígenas, aí todo mundo se virou pra gente. Aí a partir daquele momento os caras começaram a falar indiretamente algumas coisas assim que estavam mexendo com a gente. Às vezes até eles tentavam não falar muitas das vezes com a gente. Não eram todos, mas alguns.
ELISEU	Bem pouco. Na cidade, porque eu estudava na cidade, porque eles falavam que eu não era índio que eu não falava, mas a língua, falavam que não era índio não.
ERISSON	Não. Nunca. Já morei fora da comunidade e já estudei quatro anos fora e nunca sofri..
FRANCISCO	Já. Isso já senti, principalmente nessa área de perguntar se eu sou índio e aí de dizer que eu sou e aí manda eu falar na linguagem eu não sei então eles dizem que não sou índio e por que que tá lá dentro ne?
JOELMA	Sim. De eles falarem que agente mora no mato. Os não índios. Na escola, nas cidades, quando agente passeia por aí, as pessoas sempre comentam.

JOSÉ PAZ	Já. Eu sofri muito preconceito quando estudava num colégio que... Aqui na cidade né? As pessoas me xingavam falavam que indígena devia ficar lá na mata nunca devia ter oportunidade de tá estudando na cidade, mas eu nunca liguei pra isso eu sempre busquei meu objetivo que era me formar e hoje tô aqui na ufam que era pra mim tá sendoum sonho que tá sendo realizado.
JOSEANE	Já. Com certeza. Bom, na faculdade, isso é comum.
KÁTIA	Assim que falasse pra mim não pra mim ouvir não
LEOMAR	Sim, porque com dezesseis anos eu saio pra fora, aí um cunhado meu foi me levou pra trabalhar na casa da irmã dele, passei por essas dificuldades quando foi estudar esse preconceito.
LUSIENE	Já.
MARIA HELENA	Também não.
MARINILZA	Onde eu estudei graças a deus não senti nem um tipo de preconceito
MARIVALDO	Já, já sentir porque as pessoas me falavam olha esse aí é indígena da área do Canumã, área indígena, mundurukú. Aí algumas pessoas chegavam comigo e perguntavam sabe falar a língua da tua comunidade, fala pra mim ver aí. Eu me envergonhava de não saber falar e isso eu considerava como um preconceito. As pessoa dizia pra mim esse não é mais índio só que sou branco, não sabia mas falar a língua. Isso eu considerava preconceito.
MERIAN	Sim, foi na escola
MOISÉS	Já
PAULO GILBERTO	Já, porque fui estudante em manaus né... Nas escolas sempre me tratavam... Olha é índio... Sempre me imaginavam como o parque indígena do xingú, olha é do xingú ele. Aí chamavam de xingú, mas eu não ligava pra isso.
RAIMUNDA CUNHA	Sim
RAIMUNDO MOREIRA	Durante eu estudar nas escolas que eu já passei eu nunca sofri preconceito, e como os colegas já falaram que já sofreram, mas eu nunca sofri. Eu fou tratado sempre como igual a todos...
ROSINETE	Já, preconceito assim de chamarem a gente de índio pé sujo, índio fedorento, tem gente que fala...

ROSANA BRASIL	Não
ROSNAGELA BRASIL	Não, ainda não sofri porque ainda não sai pra fora da minha aldeia pra estudar né, nuncasai.
VALCIMAR	Já, é... Principalmente... Eu sou, não bebo né. Eu tinha 16 anos aí fui pegar uma canora pra ir pra taquatiara, aí eu fiz para o carro na rodovia, aí o guarda, eu pedi uma carona. Vai ficar a onde, ficar lá na caso do índio. Aí ele falou tu é índio? Sou. Rapaz eu não posso levar índio não, aí eu perguntei porque? Aí ele disse porque não posso, aí ele disse mas tu bebe? Eu disse não. Então tu não é índio. Porque pra ele, o índio é aquele que bebe né, mas na verdade não é isso né, aí eu considero isso como preconceito porque nem todo índio bebe, eu principalmente.
VALDEIR	Já quando eu estudavaem Manaus eu passei 8 anos em Manaus na escola agrícola dos apostos e lá eu sofria muito preconceito mas aquilo ficava comigo que ia passar
VALDENICE	Já e até hojea gente sofre esse preconceito na cidade isso acontece
ZENILCE	Já